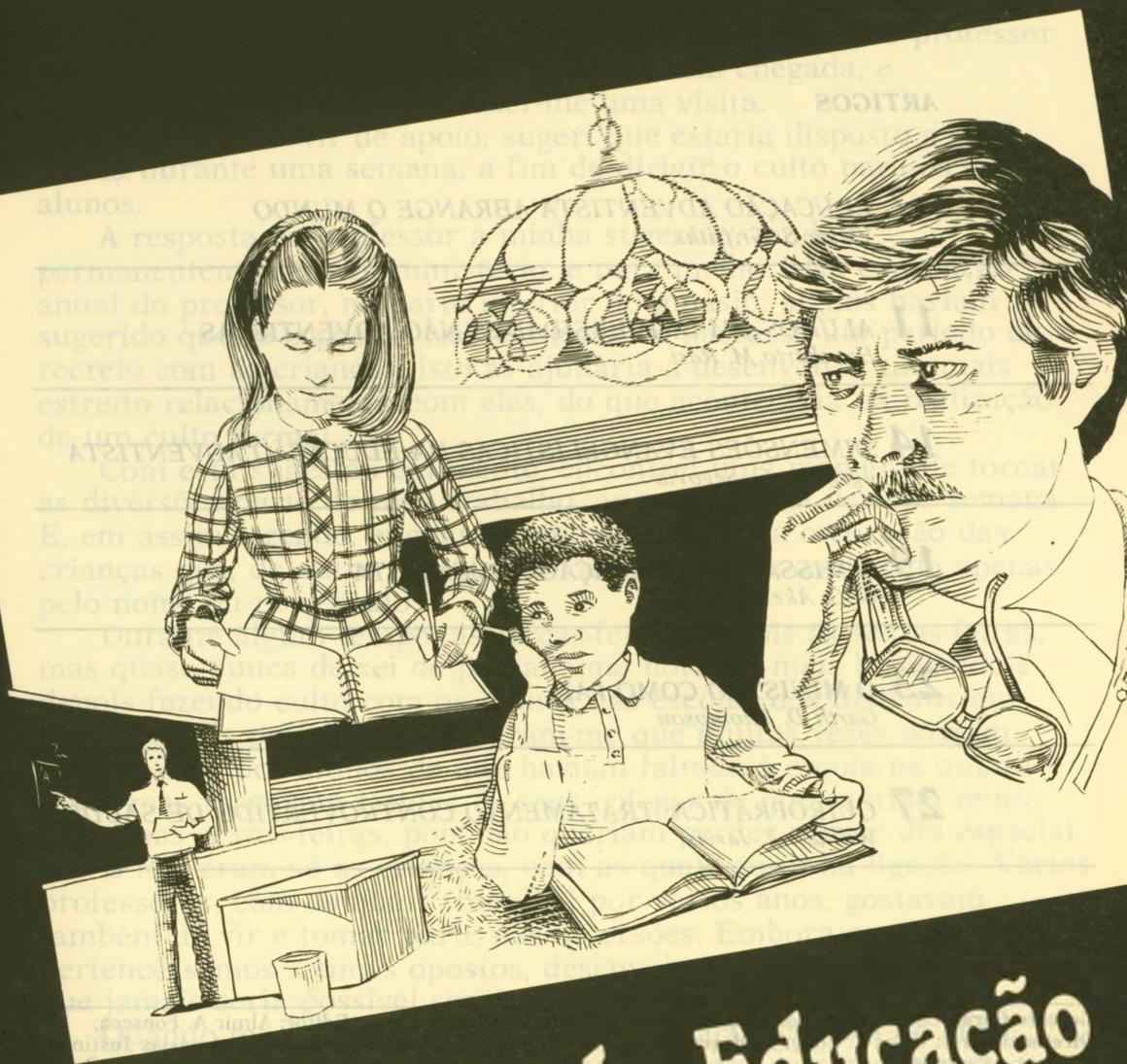


Ministério

Uma Revista Para Pastores e Obreiros

Adventista



**A Missão da Educação
Adventista**

ARTIGOS

7 EDUCAÇÃO ADVENTISTA ABRANGE O MUNDO
Victor S. Griffiths

11 ALUNOS EM UNIVERSIDADES NÃO ADVENTISTAS
Humberto M. Rasi

14 DIMENSÕES EVANGELÍSTICAS NA EDUCAÇÃO ADVENTISTA
Agripino G. Segovia

19 A MISSÃO DA EDUCAÇÃO ADVENTISTA
G. G. Akers

23 O MINISTRO COMO PAI
Garth D. Thompson

27 QUIROPRÁTICA: TRATAMENTO CONTROVERTIDO DE SAÚDE
William T. Jarvis

Gerente Geral: Carlos Magalhães Borda; **Redator-Chefe:** Rubens S. Lessa; **Editor:** Almir A. Fonseca;
Diretor de Arte: Urias P. Chagas; **Diagramação:** Jobson Santos; **Colaborador Especial:** Amasias Justiniano, Jaime Castrejón;
Colaboradores: Wilson Sarli, Jorge Burlandy, Jefte Carvalho, Adamôr Pimenta.
Capa:

Todo artigo ou qualquer correspondência para a revista O MINISTÉRIO ADVENTISTA devem ser enviados para o seguinte endereço: Caixa Postal 12-2600 — 70279 — Brasília, DF. Editado bimestralmente pela CASA PUBLICADORA BRASILEIRA. Rodovia SP 127 — km 106 — Caixa Postal 34 — 18270 — Tatui, SP.

Pastores e Professores: Associados no Ministério

Meu primeiro distrito depois do seminário incluía uma curiosa igreja, na qual havia cemitério e uma sala para escola. O professor retornou de alguns dias de férias após minha chegada, e prontamente fui a sua casa fazer-lhe uma visita.

Querendo servir de apoio, sugeri que estaria disposto a vir à escola durante uma semana, a fim de dirigir o culto para os dez alunos.

A resposta do professor a minha sugestão, mudou permanentemente meu ministério, e para melhor! Na convenção anual do professor, na parte inferior do ginásio, alguns haviam sugerido que se o pastor viesse à escola e passasse um período de recreio com as crianças, isto as ajudaria a desenvolver um mais estreito relacionamento com eles, do que aconteceria na realização de um culto formal.

Com esta sugestão em mente, encontrei uma maneira de tornar as diversões parte do meu trabalho, ao menos uma vez por semana. E, em assim fazendo, encontrei um caminho para o coração das crianças que, de outra maneira, poderiam ter-me conhecido apenas pelo nome ou pelo título.

Durante algum tempo, às terças-feiras, depois às sextas-feiras, mas quase nunca deixei de passar uma hora ou mais brincando e depois fazendo culto com os alunos nas escolas dos distritos que pastoreei. Os professores disseram-me que muitas vezes ouviam comentários dos alunos de que haviam faltado à escola na quinta-feira, mas tornavam cientes os seus colegas de que sentiam muito faltar nas sextas-feiras, pois não queriam perder aquele dia especial.

E não eram só as crianças, com as quais eu tinha ligação. Vários professores, com os quais trabalhei por vários anos, gostavam também de vir e tomar parte nas diversões. Embora sempre pertencêssemos a times opostos, desenvolvemos um companheirismo que jamais seria possível sem aquele tempo juntos, semanalmente.

Quando me é dada a oportunidade de falar na hora do culto, muitas vezes gosto de relacionar o pensamento da semana com alguma experiência na qual tomei parte junto com os estudantes. As classes batismais eram também uma conseqüência natural do relacionamento desenvolvido no tempo passado juntos cada semana. E os alunos que se sentiam bem comigo na hora do recreio, também se sentiam bem saindo comigo para dar estudos bíblicos.

Encontrar maneiras de trabalhar juntos

Minha experiência é apenas um exemplo das maneiras em que pastores e professores podem trabalhar juntos. Antes de redigir este artigo, escrevi aos diretores de departamento de educação e aos secretários ministeriais de cada Divisão da Associação Geral, pedindo-lhes que me dissessem que pastores e professores de suas regiões estavam encontrando maneiras criativas de trabalhar juntos. Depois, escrevi às pessoas que esses líderes de Divisão recomendaram.

As cartas que recebi em resposta, de pastores e professores, e mesmo de alguns pastores/professores, são fascinantes.

Fiquei impressionado especialmente com as cartas daqueles que trabalham em áreas onde a população, e muitas vezes os alunos das escolas adventistas, não são cristãos.

Lalchansanga Colney falou-me a respeito do seu trabalho como diretor da Escola de Treinamento Adventista de Thadlaskein, Meghalaya, Índia, bem como de pastor da igreja local. Antes de assumir a responsabilidade da escola, o Pastor Colney havia sido evangelista. E não perdeu nada do seu zelo evangelístico ao tornar-se diretor da escola.

Em primeiro lugar, ele dedicava tempo para se reunir com os professores e ajudá-los a ver a importância — naquela escola onde apenas metade dos alunos era adventista e alguns eram muçulmanos e hindus — de levarem os estudantes a Cristo. Nas reuniões do corpo docente, os professores e o pastor devem unir-se em oração em favor dos alunos que possam estar prontos para tomar decisão em favor de Cristo. Em três anos, esse programa levou ao batismo 150 alunos!

Da Etiópia veio o relato de outro diretor/pastor, Negro Djaleta, da Escola Adventista de Akaki. O Pastor Djaleta mostra como é importante, quando o pastor deseja levar a efeito um plano para trabalhar com a escola, que todas as pessoas envolvidas em executar o plano estejam inteiramente voltadas para os seus objetivos.

O Pastor Djaleta achou difícil a realização de seu plano, até usar o que ele chama de o “compromisso de aproximação espiritual” para levar cada professor a se comprometer a alcançar os objetivos da educação adventista na escola. Ele levou o corpo docente a concordar em se reunir para ter uma hora de estudo da Bíblia e oração dois dias por semana. Além disso, eles dedicam um dia por mês para jejuar e orar, e se dividiram em grupos para visitar várias famílias do campus e orar por elas. Os batismos naquela escola aumentaram de 9 em 1985, para 85 em 1988! E academicamente, a escola se nivelou aos mais altos padrões da nação.

A cooperação produz explosão evangelística

Em muitas regiões do mundo, os pastores se organizam com os professores e alunos para atingir as comunidades que ficam em torno das escolas.

O departamento de teologia da Universidade Adventista Colombo-Venezuelana de Medellin, Colômbia, está pondo em prática uma das mais criativas aplicações dessa metodologia. Itamar Sabino de Paiva, o diretor da teologia aplicada, fala da associação experimental que foi estabelecida em conjunto com o departamento de teologia.

Nessa Associação experimental, que finalmente funciona nas igrejas da região, os alunos de teologia que ainda não terminaram o curso atuam como pastores e administradores. Os alunos novatos tomam parte no departamento das crianças. Os segundanistas atuam como auxiliar de pastor e os do penúltimo ano como ministros preparados para dedicação plena. Os do último ano são todos evangelistas, e os de maior sucesso são indicados também para posições administrativas no escritório da Associação experimental. Todo o trabalho feito pelos estudantes é em coordenação com os pastores dos distritos nos quais estes servem.

Em 1988, uma série de conferências que os alunos realizaram resultou em 350 batismos. E outras 170 almas foram batizadas como resultado direto do trabalho da Associação experimental.

Outras instituições educacionais se têm também envolvido no auxílio aos pastores. Nas Filipinas, os alunos e os professores auxiliam os pastores no planejamento e execução das reuniões evangelísticas. Na Tanzânia, o pessoal da Escola Secundária Ikizu forneceu fundos e alimentos a fim de que sete professores se mudassem para outra vila com a finalidade de passarem suas férias de meados de 1988 em expansão evangelística. Trabalhando em cooperação com seu pastor, esses estudantes pregaram, fizeram palestras sobre saúde, visitaram lares e deram classes bíblicas durante uma semana. Embora a vila estivesse numa região em que é difícil ganhar almas, 16 pessoas foram batizadas e 46 se matricularam na classe batismal. Os alunos dessa mesma escola estão realizando Escolas Sabatinas Filiais. Uma campanha evangelística feita por jovens, em conexão com uma das Escolas Sabatinas Filiais, levou 24 pessoas ao batismo.

O programa de atividades leigas do sábado à tarde, realizado no Raymond Memorial Higher Secondary School, na Índia, envolveu até os alunos não cristãos na distribuição de literatura na vizinhança. Às vezes, centenas de alunos precisam ser enviados de volta para seus internatos, porque não há literatura suficiente para distribuir.

No Colégio Caribeano de Trindade, a freqüência é bidirecional. Os alunos ajudam os pastores com campanhas, e os pastores vêm ao colégio dar aulas e realizar seminários. E do lado oposto do Atlântico, Gerald Hummel, professor do Seminário Teológico de Friedensau, na Alemanha Oriental, conta que cada ano o pastor de uma escola escolhida trabalha com os alunos de teologia do terceiro ano para prepararem e apresentarem uma série evangelística.

A cooperação é a chave

Em cada exemplo, o sucesso das histórias que me foram relatadas encontrava-se na cooperação e comunicação. Muitos daqueles que me escreveram, salientaram a importância de planejar ativamente meios de desenvolver a comunicação. A União Espanhola organizou recentemente um lugar de reuniões no qual todos os seus professores e ministros se reúnem como participantes no ministério. Nas Bahamas, cada pastor da Associação é convidado à escola de ensino superior para dirigir o culto dos professores e falar ao corpo discente pelo menos uma vez por ano. Os professores e pastores encontram-se também nas reuniões de obreiros e em um banquete anual.

O Pastor K. Chelladurai, da Índia, é diretor de uma grande escola secundária que tem alguns professores não cristãos. Ele visita cada membro do corpo docente em casa, por ocasião do seu aniversário. As relações estabelecidas mediante este e outros esforços são fortes o suficiente para que o pessoal muçulmano e hindu assista ao culto dos professores, e às vezes apresente pedidos de oração.

Trabalhar junto para atingir um alvo comum, ajuda a manter a boa comunicação. O Pastor Jerry Joubert, que agora ensina no departamento de religião do Colégio Helderberg, na África do Sul, contou-me uma fascinante história dos resultados surpreendentes que esta espécie de cooperação pode produzir. Antes de chegar à posição de presidente, o Pastor Joubert havia atuado como pastor no campus da Escola Superior de Sedaven. Enquanto ali se achava, ele pôs um dos membros do corpo docente para dirigir uma classe batismal. A princípio, o professor D. F. Allen se mostrou relutante em assumir aquela responsabilidade. Mas depois que viu seus alunos serem batizados, ele passou a gostar de dirigir classe batismal. Logo ele foi convidado para fazer parte do departamento de educação no Colégio Helderberg, e depois foi chamado para pastorear a igreja de Sedaven, onde começara dando a classe batismal anos antes.

Na carta em que o Pastor Joubert conta esta história, ele salienta a importância de o pastor dedicar tempo para se envolver com o programa do campus, até participar das comissões e apresentar mensalmente relatórios ao corpo docente sobre as condições espirituais do campus.

Ouvi também o Pastor Allen. Ele salientou a importância de o pastor ajudar os professores a verem seu ensino como um ministério e a usarem suas habilidades dialéticas com proveito na conquista de almas: Ele salientou, também, de maneira significativa, a importância de uma classe batismal ser regularmente programada como parte do currículo, especialmente para alunos com cerca de 12 anos de idade.

Participantes no ministério

Por certo, só me foi possível dar exemplo de uma quantidade

mínima de tipos de ministérios associados que estão sendo realizados em todo o mundo. Não obstante, o que eu li me serviu de encorajamento. Muitas vezes ouvimos só a respeito de histórias negativas, de situações nas quais um professor e o pastor estão em desavenças, parecendo querer dificultar a vida um do outro.

Em sentido real, tanto os pastores como os professores das escolas da igreja são ministros do evangelho. Reconhecer este fato, pode significar um passo na direção do fortalecimento de maior cooperação. Espero que algumas das aplicações práticas deste princípio que apresentei neste artigo ajudem muitos ministros do púlpito e da sala de aulas a encontrarem maneiras de unir esforços para o erguimento do reino de Deus.

Kenneth R. Wade

Educação Adventista Abrange o Mundo

*As escolas adventistas em países estrangeiros —
as quais aumentam em número, amplitude e
penetração — estão ajudando a preencher as
necessidades da igreja com uma força de
trabalho bem treinada.*

Com 5.194 escolas, 35.319 professores e quase três quartos de milhão de alunos em 142 países, o sistema de ensino da igreja adventista talvez seja o maior programa educativo de responsabilidade de uma única denominação protestante. Atualmente, cerca de 558.000 alunos freqüentam suas escolas elementares; mais de 133.000, suas escolas secundárias; e seus colégios e universidades proporcionam educação de terceiro grau a mais de 43.000 alunos.

Nos Estados Unidos e Canadá, as matrículas nas escolas adventistas, com 63.108 alunos, são um quarto das pertencentes às igrejas do Sínodo da Igreja Luterana do Missouri (194.404), das Escolas Episcopais da Associação Nacional (78.438) e das Escolas Cristãs Internacionais (67.627). As escolas adventistas (K-12) nestes dois países têm 1.100 alunos — perdendo apenas para os 1.754 do Sínodo da Igreja Luterana do Missouri.

A educação nem sempre desempenhou papel tão importante em nossa igreja. Como dis-

Dr. Victor S. Griffiths
Diretor associado do Departamento
de Educação da Associação Geral
dos Adventistas

se recentemente um autor adventista, “a Educação, na verdade, foi o último maior desenvolvimento institucional na denominação — sendo precedida pelo estabelecimento de uma poderosa obra de publicação, que se concentrou no desenvolvimento e disseminação da literatura evangélica (1849), uma centralizada organização eclesiástica (1863) e um vigoroso programa de saúde (1866).”¹

De fato, foram os leigos adventistas quem primeiro forneceu suprimento acadêmico formal para os filhos da igreja. Os relatos substanciais mais antigos, dizem-nos que entre 1853 e 1872, os membros leigos de Buch’s Bridge, Nova Iorque; Battle Creek, Michigan; e Amherst, New Hampshire, começaram a fazer tentativas esporádicas de educar seus filhos. Durante aquele período, a igreja se contentou com a instrução religiosa proporcionada por suas Escolas Sabatinas e *The Youth’s Instructor*, sua revista para jovens.

A primeira escola da igreja, patrocinada pela denominação, foi criada em Battle Creek, Michigan, em 1872. Embora fundada para filhos de membros da igreja adventista, essa escola tinha como principal objetivo a educação de alunos mais idosos que deveriam ajudar a levar o evangelho ao mundo. Ao menos nesse tempo, os dirigentes da igreja estavam convencidos de que a escola deveria ser fundada sob a sua supervisão. Difundiou-se o argumento de que, ao estabelecer tal escola, a igreja estava afirmando que sua força ministerial estaria preparada para seus deveres mediante aqueles que haviam conhecido a fé desde o início e eram considerados líderes capazes.

Em 1874, esta escola se tornou o Colégio de Battle Creek. Oito anos mais tarde (em 1882), com a criação de um ginásio em Healdsburg, Califórnia, e outro em Lancaster do Sul, Massachusetts, surgiu o começo de um sistema secundário.

Escolas da igreja auxiliam as missões

O ano de 1874 marcou também o início da primeira aventura na obra missionária da igreja em países estrangeiros. John Nevins Andrews foi enviado como missionário à Euro-

pa. Em 25 anos, o empreendimento missionário da igreja não só abrangeu a Europa, mas se havia estendido à África, Índia, América do Sul e Central, Extremo Oriente, Austrália e ilhas do Caribe e do Pacífico.

O estabelecimento das escolas da igreja acompanhou este avanço em ganho de almas. No estudo que fez sobre frequência à escola e os membros da igreja, diz Warren Minder: “O mundo das facilidades educacionais foi lento até os anos 1890. Durante aquela década, cinco colégios, muitos ginásios e mais de 200 escolas elementares foram fundados nos Estados Unidos. Esse mesmo período, de acordo com Brown (1972) e Cadwaller [sic] (1975), testemunhou novas escolas no Canadá, Inglaterra, Austrália, Suíça, Suécia, Alemanha, África, Argentina, Dinamarca e Brasil.”²

O Claremont Union College, fundado em Kenilworth, Cabo, África do Sul, em 1892, primeira escola adventista a ser estabelecida na África. Desse centro educacional, mais tarde conhecido como Helderberg College, deveriam sair gerações de obreiros missionários que evangelizariam outras áreas da África.

Dois anos depois da fundação de Claremont, A. T. Robinson, então presidente da Associação do Cabo, encontrou-se com Sir Cecil Rhodes e pediu um pedaço de terra para fundar uma missão entre os matabeles da Rodésia. Rhodes deu instruções ao Dr. L. S. Jamerson, o administrador de Bulawayo, para que permitisse aos representantes adventistas escolherem a terra de que necessitassem. Eles escolheram cerca de 12.000 acres, nos quais construíram a Missão Solusi. Essa missão, base para os primeiros obreiros da igreja entre o povo matabele, e local de seus primeiros conversos entre eles, tornou-se também o lugar da primeira escola entre os matabeles.

Na Índia, onde o evangelismo direto se provou improdutivo, a fundação de escolas elementares, para educar as crianças da vila, tornou-se o meio de convidar adultos para ouvir o evangelho. Jessie Louise Lowry, filha de uma das famílias pioneiras missionárias, contou-me como seu pai, depois de infrutíferos esforços para se comunicar com a população hindu adulta, resolveu reunir as crianças sem instrução, da vila, e ensiná-las a ler a Bíblia e suas histórias. Logo as crianças contaram a seus pais o que haviam aprendido. Os pais, por sua vez, revela-

ram bastante interesse em que os missionários começassem a trabalhar entre os adultos.

Além disso, nos altiplanos da Bolívia e Peru, ensinando os índios incas marginalizados a lerem, Fernando Stahl forneceu a base tanto para ensinar-lhes o evangelho como torná-los participantes da civilização moderna. Embora houvesse ferrenha oposição por parte dos proprietários de terra, dos políticos e da igreja dominante, Stahl continuou. Em reconhecimento, os cidadãos de Plateria, Puno, Peru, edificaram um monumento àquele pioneiro e educador. O monumento fica na Plaza de Armas, em frente à Prefeitura Municipal — e diante de uma escola superior adventista, que continua a contribuir para a educação das pessoas daquela região.

O caráter da educação cristã

Enquanto os missionários estavam descobrindo que a educação baseada no estudo das Escrituras podia ajudar na pregação do evangelho, o primeiro conselheiro da igreja, Ellen G. White, estava advertindo que um currículo baseado nos clássicos, que focaliza o racionalismo e o orgulho do esforço pessoal, não era a espécie de currículo mais indicado para desenvolver os talentos do jovem cristão. Em 1893, ela publicou o livro *Christian Education* (Educação), no qual fez uma defesa ampla da filosofia que deveria orientar os conceitos, conteúdo e métodos de um programa educacional verdadeiramente cristão.

Escreveu ela que os estudantes não deveriam ser levados a encher a mente de fatos e extensos textos decorados, e que eles deviam ser levados a considerar o desenvolvimento dos aspectos espiritual, social, da saúde e vocacionais de sua vida, como sendo tão importantes como o de sua capacidade mental. Aconselhou os professores a tornarem a salvação de seus alunos, sua habilidade de agir eficazmente como pessoas espirituais e seu desenvolvimento de caráter, fundamentais para seus outros aprendizados. A excelência na educação requer mais do que o domínio de assuntos acadêmicos; inclui também o preparo para a vida e uma vocação assinalada pelo amor ao serviço em fa-

vor da humanidade.

O aperfeiçoamento dos valores espirituais do professor de ética do trabalho e do serviço da comunidade, deviam fazer parte integrante do currículo. O programa educacional da igreja e seus educadores devia exemplificar os valores morais, espirituais e éticos que ajudariam cada aluno a se tornar um candidato à vida eterna.

Este realce não descarta a existência de estudantes dedicados. Quando, no século dezoito, os educadores da igreja sofriam maior resistência ao credenciamento, Ellen White apelou para que as escolas preparatórias para o Colégio de Evangelistas-Médicos (hoje Universidade de Loma Linda) proporcionasse o preparo adequado, que assegurasse o reconhecimento do governo aos graus que a escola médica concedia.

Crescimento fora do país

O sistema educacional, que não era senão uma pequena planta em 1900, estendeu os seus ramos a lugares distantes. Na virada do século, ele se compunha de 220 escolas elementares, 18 secundárias e 8 colégios, quase todos nos Estados Unidos e Europa. Hoje, o sistema educacional adventista compreende 961 escolas elementares, 214 escolas secundárias e 11 colégios na África; 2.320, 326 e 32, respectivamente, nas Américas; 334, 63 e 25 na Europa e no Pacífico; e 786, 172 e 16 na Ásia e Extremo Oriente.

Não foi só o número destas escolas que aumentou nos países de além-mar; suas matrículas também aumentaram. Em 1988, o Colégio União das Filipinas tinha 3.959 alunos; a Universidade Coreana de Sahmyook, 2.006; a Universidade Montemorelos do México, 1.311; e a Universidade União Incaica do Peru, 1.307.

Os cursos que nossas escolas superiores oferecem, tornaram-se grandemente diversificados, e também sofisticados. As escolas adventistas dos Estados Unidos já não são as únicas a oferecerem diplomas em medicina, enfermagem e outras profissões relacionadas com a saúde. A Montemorelos do México e a Vellores da Índia, oferecem diplomas em medicina, pre-

parando médicos para servirem a igreja. A Coreia tem uma escola de farmácia, a Dinamarca uma notável faculdade de fisioterapia, e, em todos os continentes, as escolas adventistas oferecem treinamento para enfermagem.

Enquanto a maioria das escolas adventistas que ministram educação graduada ainda deva ser encontrada nos Estados Unidos, pode-se obter preparo graduado em educação e teologia em escolas dirigidas pela igreja nas Filipinas, Índia, América, Europa e Austrália. Dos mais de 4.200 alunos em instituições de nível superior, a maioria está matriculada nos seguintes ramos: Saúde e áreas relacionadas com esta, 8.020; atividades comerciais e campos associados, 7.099; educação, 5.905; e religião, 5.273. Três outros agrupamentos seguem com alguma distância: Ciências aplicadas, 1.861; ciências naturais, 1.295; e humanidades, 1.256

As oportunidades de se prepararem, dos missionários da igreja, refletem o crescimento em todo o mundo, de seu sistema educacional. Entre 1901 e 1960, a igreja enviou ao estrangeiro 5.925 missionários, a maioria dos quais da América do Norte, Europa, África do Sul, Austrália e Nova Zelândia. Enquanto os obreiros nacionais compreendiam parte dos projetos missionários durante aquele período, esses obreiros tinham a tendência de querer trabalhar em áreas próximas de sua terra natal — por exemplo, Ilhas Salomão, trabalhava no Sul do Pacífico e Nova Guiné; e os da América Latina e Índias Ocidentais, serviam em ilhas e nações continentais adjacentes de seus países de origem.

Desde meados dos anos 50, uma semeadu-

ra universal maior, de recursos humanos, veio caracterizar aos poucos a obra da igreja, ao seus colégios se multiplicarem e seus obreiros terem recebido melhor preparo. Os formados das nossas escolas nas Filipinas têm servido na África, Estados Unidos e Índias Ocidentais. Os norte-americanos de cor negra têm ido para a África, América Central e do Sul, e Índias Ocidentais. A América Latina tem servido em todo o seu território, e na África e Extremo Oriente. Os missionários da Índia têm ido para o Extremo Oriente, África, Índias Ocidentais e América do Norte. E os japoneses, os chineses e os coreanos se estão tornando cada vez mais parte integrante da obra das missões em lugares como o Brasil, Estados Unidos e Austrália.

Hoje, como nos primeiros anos, a igreja olha para suas escolas como o principal centro de seus obreiros. Para manter a qualidade de instrução, bem como os valores e métodos que têm colocado este programa educacional num lugar privilegiado, usa um sistema de credenciamento que complementa e suplementa as várias formas de relacionamento governamentais e profissionais.

Como no passado, os educadores adventistas procuram integrar os aspectos espiritual, vocacional e acadêmico da educação cristã. Eles se esforçam para que os graduados se tornem conhecidos por seu desenvolvimento de caráter, competência e dedicação ao serviço.

1. George R. Knight, "Spiritual Revival and Educational Expansion", *Adventist Review*, 29 de março de 1984, pág. 8

2. Ed. D. dissertação, Western Michigan University, Kalamazoo, Michigan, 1985, pág. 17.

Alunos em Universidades não Adventistas: Como Ajudá-los?

Se houver uma universidade próxima de sua casa, é provável que haja alunos adventistas freqüentando-a. Como atender às suas necessidades?

Oitenta mil jovens adventistas de ambos os sexos estão estudando em colégios e universidades em todo o mundo. Aproximadamente metade desta cifra freqüenta nossas escolas, enquanto a outra metade faz seus cursos em instituições não adventistas. A maioria dos que pertencem à segunda parte, matricula-se em universidades públicas, porque nossas escolas não oferecem os programas nos quais eles estão interessados ou simplesmente porque não há pós-graduação em instituições adventistas em sua terra natal.

Esses jovens que freqüentam universidades públicas representam um setor grandemente talentoso e motivado de nossa igreja. Eles estão numa fase crítica de sua vida, tomando decisões importantes. Em poucos anos eles começarão a assumir o destino de nossa igreja como dirigentes leigos de influência nas congregações locais e como membros de comissões

executivas. Suas habilidades os tornarão necessários como membros de comissão de nossas escolas, instituições de saúde e centros administrativos. Na verdade, nossa missão estaria em perigo sem seus dedicados talentos.

Durante esse tempo, contudo, eles enfrentam sérios desafios: a assunção naturalística que serve de base à maioria dos cursos, a influência de alguns professores descrentes, a perda do estilo de vida seguido por muitas das nossas universidades, pressões políticas e atividades acadêmicas ou exames no sábado. Alguns de nossos jovens entram nesta arena sem o devido preparo, e alguns deles acham tais desafios fortes demais para sua fé.

Em alguns lugares, líderes que pensam no futuro têm reconhecido estas necessidades especiais dos estudantes e têm dado passos no sentido de supri-las, indicando capelães, provendo bolsas de estudo, sustentando o pessoal das associações de estudante, patrocinando re-

Dr. Humberto M. Rasi
Diretor Associado do Departamento
de Educação da Associação Geral

sidências, organizando seminários e procurando envolver ativamente o estudante na vida da igreja.

Três departamentos da Associação Geral — os Ministérios da Igreja, Ministérios de Capelania e o de Educação — uniram recentemente seus esforços para fornecer apoio contínuo aos que procuram atender às necessidades espirituais, intelectuais e sociais dos alunos de nossos colégios e universidades em âmbito mundial. Operando mediante o AMICUS (*Adventist Ministry to College and University Students*), eles começaram a levar a efeito um programa destinado a:

1. Incentivar as Divisões e Uniões mundiais a estabelecerem em nível regional, correspondente do AMICUS Committee — com representantes dos ministérios da igreja local, ou seja, dos jovens, educação, ministerial e liderança estudantil

Mesmo a possibilidade de haver um capelão que dê assistência espiritual aos alunos universitários que não estudam em instituições adventistas, não deve ser descartada.

2. Assistir as Divisões e Uniões na organização de seminários e retiros espirituais, selecionando assuntos relevantes, e convidando oradores especializados.

3. Cooperar com as Divisões e Uniões em prover escritórios para capelães de Campus adventistas, líderes de jovens e trabalho pastoral nos centros universitários.

4. Produzir material para apoiar as atividades de adestramento e pesquisa, de estudantes universitários e profissionais jovens.

Afora este programa, AMICUS começou a publicação de *College and University Dialogue* em quatro edições paralelas (inglês, francês, português e espanhol). Esta publicação conjunta de 36 páginas tem sido enviada de graça pelo correio para milhares de estudantes em todas as Divisões. Ela contém artigos incentivadores sobre o papel da fé cristã no mundo contemporâneo, notícias de atividades de estudantes universitários, entrevistas com profissionais adventistas de êxito e idéias práticas sobre pesquisas.

O que você pode fazer

Se você é pastor, líder ou administrador adventista, preocupado com o crescimento desse setor dos nossos membros, o que pode fazer?

Faça uma lista ou crie seu fichário. Faça uma listagem dos alunos do colégio ou universidade da região. Faça a mesma coisa com os professores adventistas. Torne esse fichário disponível ao diretor de jovens ou de educação de sua Associação, União ou Divisão, e peça-lhe conselho a respeito de materiais e atividades apropriados para este grupo. Certifique-se de que esses alunos estão cientes dos programas disponíveis em nossos próprios colégios e universidades. Incentive aqueles que são qualificados a transferirem sua matrícula.

Ajude-os a se organizarem. Se você conseguir localizar um número suficiente de alunos universitários, convide-os para uma reunião. Ouça-lhes as opiniões e discuta a possibilidade de fundar uma associação local ou regional de estudantes adventistas de encorajamento mútuo e de pesquisa. Se houver também professores adventistas, permita-lhes servirem como conselheiros. Discutam um programa de atividades próprias para preencher-lhes as necessidades e ajudá-los a sentir que realmente pertencem à igreja. Busque a assistência de professores de nossos próprios colégios e universidades.

Mantenha-lhes viva a fé. Certifique-se de que os estudantes universitários são bem-vindos a sua congregação. Alguns poderão estar agora à margem da vida cristã e necessitarão de um convite especial. Outros podem ser novos na região e querer fazer parte de uma família da igreja. Organize uma classe de Escola Sabatina para jovens e coloque um professor dinâmico e agradável. Quando preparar o sermão, lembre-se deles. Forneça à biblioteca de sua igreja livros básicos e programas de audiovisual que tratem de assuntos de interesse dos estudantes. Use seus talentos para preencher posições de responsabilidade da congregação. Não se assuste com algumas das perguntas que eles façam. Eles podem estar buscando respostas para algumas das perguntas difíceis que

lhes são feitas no campus. Planeje uma refeição ocasional para eles e convide seus amigos. Sugira pesquisa apropriada e programas de trabalho nos quais eles possam tomar a iniciativa. Lembre-se de que eles têm direto acesso aos futuros líderes da sociedade.

Mantenha-se em contato com eles. Se um membro jovem de sua congregação viajou para estudar em uma universidade pública, localize uma igreja próxima e escreva ao pastor, pedindo-lhe que visite esse estudante. Em geral é muito mais fácil manter esses estudantes como membros ativos do que converter profissionais não adventistas. Ajude seus estudantes universitários a se manterem em contato com a igreja, enviando-lhes publicações adventistas pelo correio, tais como o *Colegial* e a *Revista Adventista*, bem como o boletim da União. Envie o nome e o endereço de alunos e professores que estudam em instituições não adventistas, para Humberto M. Rasi ou para Israel Leito (Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia, 12501 Old Columbia Pike, Silver Spring, MD 20904, USA) e cuidaremos para que eles recebam um exemplar grátis de *Diálogo* através de nossos representantes regionais. Se você mesmo desejar obter um número desta publicação, siga o mesmo procedimento acima.

Providencie um ministério custeado. Muitos

estudantes universitários estão de tal maneira absorvidos com seus programas intensivos que não podem dedicar muito tempo a outras atividades proveitosas. Precisam, porém, saber que a igreja os aprecia e apóia. Faça planos nesse sentido. Peça a assistência de professores universitários e de outros profissionais de sua congregação que passaram pela experiência da universidade. Se houver concentração de estudantes universitários em sua área, peça à comissão de sua igreja ou Associação que considere a possibilidade de indicar um capelão ou um pastor para trabalhar especialmente para eles.

Os leitores interessados em saber mais a respeito deste ministério especializado, são convidados a entrar em contato com representantes regionais de AMICUS ou comigo mesmo ou Israel Leito, na Associação Geral.

Jesus, que nos ensinou a amar a Deus de todo o nosso ser (incluindo nosso pensamento), deseja fortalecer Seus seguidores dos Campus de tal maneira que Sua luz possa brilhar também com intensidade nas salas de aula seculares, nos laboratórios e residências dos estudantes. Sobretudo, Ele deseja ver todos os sinceros de coração — mesmo nos campos universitários — transformados pelo poder de Seu amor e salvos para a eternidade.

Dimensões Evangelísticas na Educação Adventista

Se o evangelismo não fosse um importante alvo de nosso sistema educacional, nossas escolas não deveriam ser chamadas escolas cristãs.

O evangelismo sempre foi o motivo impelente da Igreja Adventista do Sétimo Dia. O evangelismo é indispensável ao crescimento e sobre vivência da igreja. Diz-se que se a igreja deixar de evangelizar, ela passa a ser uma geração que caminha para a extinção. “Resgatar ao que perece”, eis o lema do evangelismo, pois o trabalho da educação destina-se a “restaurar no homem a imagem de seu Autor.”¹

A educação adventista busca atingir aquilo que está compreendido na grande comissão evangélica (Mat. 28:19 e 20). Não é por mera coincidência que os objetivos da educação adventista estejam inseparavelmente ligados aos objetivos e propósitos da igreja, pois “no mais alto sentido, a obra da educação e da redenção são uma”.²

Tornar a verdade atrativa

Os seres humanos são atraídos pelas coisas belas e cativantes. É por isso que os perfumes custosos estão embalados em recipientes

atrativos. Este princípio se aplica também à experiência espiritual.

A verdade é sempre bela, porque é criação de Deus. Para ter acentuada a sua elegância, deve a verdade divina estar em um atrativo recipiente vivo, o vaso humano. Muitas vezes, porém, a pureza da verdade divina é maculada pela conduta pecaminosa da pessoa. As pessoas são atraídas para Cristo, ou dEle se afastam, pelas manifestações de caráter que observam em Seus professores seguidores. Nas palavras de Ellen White, “um dos meios mais eficazes de conquistar almas para [Cristo] é exemplificar o Seu caráter na vida diária. Nossa influência sobre os outros não depende tanto do que dizemos, como daquilo que somos. Os homens podem combater e desafiar a nossa lógica, podem resistir os nossos apelos; mas uma vida de desinteressado amor é um argumento que eles não podem contradizer. Uma vida coerente, caracterizada pela mansidão de Cristo, é um poder no mundo”.³

Para atrair as pessoas e ganhá-las para Cristo, devemos trajar o que o profeta Isaías descreve como sendo o traje mais apropriado, as “vestes de salvação” e o “manto de justiça” (Isa. 61:10). Não há lugar no qual a presença do fulgor divino seja mais necessária do que no

Dr. Agripino C. Segovia
Diretor associado do Departamento
de Educação da Associação Geral

ambiente da escola. Enquanto as instituições seculares buscam em primeiro lugar a superioridade acadêmica, as escolas adventistas devem tornar suprema a excelência moral e a espiritual. Ellen White fez esta observação: "É o grau de poder moral que impregna uma escola, que constitui uma prova de sua prosperidade. É a virtude, inteligência e piedade das pessoas que compõem nossas escolas, não o seu número, que deve constituir uma fonte de alegria e gratidão." ⁴ A força moral da instituição não é só a prova do clima de uma escola cristã genuína; é também uma poderosa força evangelística.

Objetivos do evangelismo do campus

Os estudantes das escolas adventistas representam uma grande classe de crenças, atitudes e interesses religiosos. Esta gama apresenta um desafio evangelístico que deve ser satisfeito com o poder do Espírito Santo.

De acordo com o Relatório Estatístico Mundial de Educação de 1988, os estudantes não adventistas compreendem um terço dos 737.630 estudantes que estão matriculados nas 5.430 escolas adventistas espalhadas por todo o mundo. Estes incluem tanto não cristãos como cristãos de outras filiações religiosas. A afluência de estudantes não adventistas às escolas adventistas é maior especialmente em países nos quais as leis proibem a consideração da religião como um fator na aceitação de alunos. Esta situação apresenta um grande desafio aos membros da família da escola, no sentido de testemunharem de Cristo aos alunos não adventistas por preceito e exemplo. Eles devem conhecê-Lo, o Autor da vida eterna.

Na antiga cultura hebraica, havia homens "consagrados a Deus" que seguiam éticas sociais e normas religiosas prescritas. Eles eram chamados nazireus. Alguns serviam por certo período de tempo; outros, enquanto vissem. Sansão foi declarado nazireu quando ainda estava no ventre de sua mãe (Juízes 13:5).

Na moderna cultura da escola adventista, há alunos que podem ser chamados "nazireus adventistas". Há filhos de pais adventistas que, em certo sentido, são "consagrados a Deus".

Eles têm vivido em uma espécie de casulo espiritual, sem passar pelas dores de parto da conversão. Sim, eles acreditam em Cristo como seu Salvador pessoal, mas não passaram pelas purificadoras "aflições do evangelho" (II Tim. 1:8). Não tiveram que experimentar a dificuldade de deixar de beber, fumar, ou as companhias e entretenimentos questionáveis. Sua resguardada experiência religiosa necessita ser fortalecida de maneira que eles possam suportar sofrimentos e tentações. Como filhos na carne, eles necessitam alimentar-se do leite da palavra de Deus. Aos "recém-nascidos em Cristo", Paulo testificou: "Leite vos dei a beber, não vos dei alimento sólido; porque ainda não podíeis suportá-lo. Nem ainda agora podéis" (I Cor. 3:2).

Há também um bom número de estudantes que quase já esqueceram seu primeiro amor a seu Senhor. Eles estão ligados à igreja por um tênue fio. Acham-se em nossas escolas em resposta à sugestão de seus pais, pastores e amigos cristãos. Muitos pais consideram as escolas adventistas como "cidades de refúgio" para seus filhos e filhas que estão presos num torvelinho mundano.

A ambivalência religiosa e a insegurança que se observa em muitos jovens que estudam nas escolas adventistas, apresentam um enorme desafio para os educadores e os líderes educacionais da igreja. Como podem estes jovens ser orientados para seguir ao Senhor? Como podem a verdade e o Autor da verdade tornar-se atrativos para eles? Que estratégias evangelísticas podem ser aplicadas para conquistar, conservar e edificá-los de tal maneira que se tornem vasos dignos da verdade, poderosos pregadores do evangelho, e "concidadãos dos santos" (Efés. 2:19)?

Tentativas evangelísticas de aproximação

Aulas de Evangelismo. Todo professor deveria trazer para seu ministério pedagógico a perspectiva de evangelismo. A sala de aulas oferece a melhor oportunidade para que o professor adventista transmita aos estudantes o conhecimento a respeito de Deus.

Numa escola primária, o professor estava

dando instruções sobre alimentação, citando alguns princípios bíblicos para apoiar o ponto de vista adventista da boa nutrição. A apresentação não era de modo algum uma crítica ao que as outras pessoas estavam comendo ou bebendo. Os alunos foram deixados livres para fazer perguntas sobre assuntos que não estavam claros para eles. O menino não adventista foi para casa naquela tarde determinado a partilhar com seus familiares o que aprendera na escola a respeito de alimentação saudável. Ele se recusou a comer alguns dos alimentos preparados para o jantar, pois seu professor os descrevera como impróprios para a saúde. Podeis imaginar a confusão e as perguntas que isto suscitou na família. O incidente levou o pai do menino a fazer perguntas sobre a Bíblia e, finalmente, a família aceitou o evangelho. O professor estava empenhado em ensino evangélico, uma arte evangelística que conquista almas para o reino do Céu.

Pregação, estudo bíblico, culto e música. Estamos encarregados de pregar a Palavra de Deus. Todo cristão possui o ímpeto de partilhar o amor de Deus com os outros. Os pecadores devem ouvir o convite de Deus para ir a Ele em busca de perdão. Os jovens das escolas devem ser guiados a Cristo, seu melhor Amigo e Salvador. Contudo, Paulo advertiu que devemos pregar ao mundo "com toda a longanimidade" (II Tim. 4:2).

Pode ser desagradável ouvir a verdade. Não obstante, não importa quão radical a verdade possa parecer à alma não regenerada, encontrará aceitação, se dita com amor (Efés. 4:15) e demonstrada com amor (Jer. 31:3). Ellen White descreve o poder do amor como "uma influência que abrande e transforma", e diz que ele "se apossará da vida do pecador, e lhe influenciará o coração quando todos os outros meios se tiverem revelado mal-sucedidos".⁵ A simpatia e a bondade divina é a marca registrada da aproximação evangelística de Cristo. Isaías a descreve poeticamente nestas palavras: "Não esmagará a cana quebrada, nem apagará a toreira que fumega" (Isa. 42:3).

Os períodos de culto na escola e na igreja são excelentes ocasiões para se instruírem os estudantes nos princípios do viver bem e em como estabelecer um sólido relacionamento com Cristo.

A música, também, estabelece um contato

especial com as pessoas jovens. Elas gostam de cantar. Muitos estudantes relacionam sua conversão com um cântico ou cânticos que ouviram, ou com a influência de um grupo coral ao qual se uniram. No Instituto Adventista de Saleve, Collonges, França, e no União Franco-Belga, foram organizados vários corais com propósitos evangelísticos. Os coristas têm dado assistência fazendo pesquisas evangelísticas; além disso, 30 membros do coro deram também início à marcha para o batismo. Estas melodias de contato evangelístico adventista são praticadas por muitas instituições adventistas em todo o mundo.

Relacionamento pessoal. Os administradores de escolas e faculdades têm muitas oportunidades de cultivar relacionamento pessoal com os estudantes. Transpor o abismo entre os profissionais e os aprendizes é importante na obra de ganhar almas.

Não foi senão no meu último ano do curso universitário que tive a oportunidade de estudar em uma escola superior cristã, e jamais esquecerei o professor de Bíblia, que se interessou por mim logo que ali cheguei. Eu não era um aluno problemático; contudo, em meus três anos de escola superior, eu havia adquirido alguns hábitos que, se fosse permitido se desenvolverem, poderiam ter impedido o meu êxito. Esse bondoso professor cristão mostrou um interesse paternal. Algumas noites, quando ele passava pelo dormitório dos moços, convidava-me para estudar com ele os mistérios dos céus estrelados. Eu sabia que ele não estava tão interessado nas estrelas como o estava em mim. Sua identificação de estrela era bastante singela, mas ele instilou em mim o desejo de que a bondade de Cristo brilhasse em meu coração. Que sentimento confortador me inundava a alma quando aquele homem de Deus orava fervorosamente em favor da graça e direção do Senhor em minha vida!

Posso testificar que o ministério pessoal daquele professor de Bíblia fez a diferença em minha vida, e que seu trabalho foi recompensado. Ellen White fez um desafio a todos os professores de escolas adventistas. Disse ela: "Desde o mais elevado até o mais baixo grau, devem eles revelar cuidado especial em favor da salvação dos alunos e, por meio do esforço pessoal, procurar guiar-lhes os pés por caminhos retos."⁶

Algumas escolas adventistas instituíram um plano para facilitar o relacionamento pessoal entre professores e estudantes, através do qual eles reclamem Reuniões Sociais Para Salvar. Quando os professores e os alunos se associam, eles estabelecem um elo de amizade que lhes torna mais fácil falarem sobre assuntos mais sérios, tais como seu relacionamento com Cristo.

Adoção em fins-de-semana. A melhor tentativa de aproximação evangelística na conquista de almas é a aproximação um-para-um. Pode ser realizada com mais eficiência num ambiente doméstico.

Numa escola com internato, a faculdade convida os alunos para estarem com eles durante um fim-de-semana. O estudante se torna um membro adotivo da família durante o fim-de-semana, e participa das atividades domésticas e também dos serviços religiosos da família. Naturalmente, o relacionamento não termina depois que passa o fim-de-semana. O aluno se torna ligado à família como sua família substituta. O fortalecimento da afinidade do estudante com a família de Deus na Terra, ajuda a despertar o desejo de estar com a família de Deus no Céu.

Programas pastorais. A Universidade Coreana de Sahmyook, em Seul, Coréia, tem aceito nos últimos anos um grande número de alunos não adventistas, porque a discriminação por motivos religiosos é ilegal na Coréia. Para atender a este desafio, a instituição criou o (PDP) "Programa Departamental do Pastor", e o (PPS) "Programa Pastoral do Subpastor".

No PDP, é designado um professor de teologia como pastor para um ou mais departamento acadêmico. Suas responsabilidades pastorais, juntamente com o seu ensino regular, sobrecarregam. O professor de teologia é assistido por um professor leigo no departamento, aconselhando, dando estudos bíblicos e orientando os alunos na prática de princípios espirituais.

Os alunos de teologia tomam parte no PPS. Esses alunos se tornam amigos dos não adventistas, e depois os convidam para assistir a aulas sobre amizade, nas quais são apresentados os estudos bíblicos. Por meio desses programas conquistadores de almas, aquela universidade consegue uma boa colheita anual de almas.

Algumas instituições adotam a tentativa de

aproximação "companheiro". Alunos adventistas experientes, não importa o seu preparo acadêmico, assistem os alunos não cristãos ou não adventistas, ajudando-os na pesquisa de conhecimento religioso e no estabelecimento de uma amizade com Cristo.

Preparando discípulos para o serviço

Um ministro instruído é uma honra para Deus. Em virtude dos diversos grupos que uma moderna testemunha do evangelho tem que enfrentar, torna-se necessário o formal preparo ministerial. Há, para a igreja, uma mensagem clara: "Cumpra estabelecer planos sábios para fortalecer a obra feita em nossos centros de treinamento. Devem ser estudados os melhores métodos de preparar moços e moças consagrados para assumir responsabilidades e conquistar almas para Cristo."⁷ Mais tarde, Ellen White aconselhou que "sua educação é de primordial importância em nossos colégios [academias], e em nenhum caso deve ele ser ignorado ou considerado como um assunto secundário."⁸

Nossas escolas têm capacidade para preparar obreiros para atender ao desafio de nossos dias. O objetivo de nossa obra educacional deve ser, como disse Charles Oliver: "Cada púlpito um cristão; cada cristão um obreiro; cada obreiro treinado."

Conquanto o preparo ministerial seja importante como exercício para testemunhar, não devemos esquecer a importância do poder do Espírito Santo. Deus pode usar qualquer pessoa — não importa o conhecimento educacional — que esteja inteiramente dedicada a servir ao Senhor.

Escolas adventistas como centros evangelísticos

As escolas adventistas são centros evangelísticos nos quais os administradores, o corpo docente e os estudantes, seja qual for sua disciplina acadêmica, podem funcionar

como evangelistas. Essas instituições são fontes de inspiração espiritual que despertam no jovem um forte desejo de relacionamento com Cristo.

No Colégio de Mountain View (CMV) e no Colégio União da Indonésia (CUI), vários estudantes muçulmanos se têm tornado cristãos. Um jovem muçulmano que estudou no CUI, tornou-se mais tarde o presidente da União-Missão da Indonésia, e os moços que concluíram seus estudos no CMV estão agora ocupando posições importantes na obra denominacional. Um educador cristão tornou sucinatamente clara a importância do evangelismo: "A educação cristã não pode ser cristã, a menos que seja evangelística. Ela está conquistando, conservando e edificando na fé todos aqueles que estão comprometidos com nossas responsabilidades. Falhar nesse ponto é falhar na razão principal de nossa existência e de nosso trabalho. O evangelismo da escola é o evangelismo que ocorre por meio do ensino. Inclui a vivência da vida cristã. O evangelismo é um grande objetivo da educação cristã." ⁹

As instituições adventistas não devem ocupar todo o seu tempo e recursos atendendo ao seu próprio rebanho. Elas têm a responsa-

bilidade de levar as boas novas além de seus próprios campus. Cada sábado de manhã, no Colégio de Mountain View, nas Filipinas, uma frota de jipes e caminhões da II Guerra Mundial sai do campus e vai pelas pequenas e grandes estradas, levando estudantes e professores às comunidades vizinhas do colégio. Outros alunos tomam as trilhas da montanha sinuosa a pé para fazer culto com grupos que se encontram em lugares inacessíveis aos veículos motorizados. Hoje, dezenas de igrejas pontilham as colinas e vales que cercam o CMV, como resultado do esforço dos alunos e do corpo docente. Esta experiência não é exclusiva do CMV. Ela ilustra o que os educadores adventistas e seus alunos estão fazendo para espalhar a mensagem de salvação em muitas partes do mundo.

1. Ellen G. White, *Educação*, pág. 16.
2. *Idem*, pág. 30.
3. *O Desejado de Todas as Nações*, págs. 141 e 142.
4. *Testimonies for the Church*, vol. 6, 143.
5. *Idem*, pág. 135.
6. *Idem*, pág. 152.
7. *Counsels to Parents, Teachers, and Students*, pág. 524.
8. *Testimonies*, vol. 6, pág. 135.
9. H. W. Byrne, *Christian Education for the Local Church*, pág. 24.

A Missão da Educação Adventista

Como podemos guardar a educação adventista de cair presa do impulso sem objetivo que tanto aflige o sistema educacional dos Estados Unidos?

O problema com a maioria dos relatórios missionários é que estes são escritos segundo o método “é”, o descritivo. Toda a intenção de escrever um relatório missionário, porém, está centralizada no “deve”, que é prescritiva. Dessa maneira, a questão primordial a ser considerada não é: “O que é que fazemos tradicionalmente?” e sim: “O que é que devíamos estar fazendo para atingir nossos objetivos?”

Como o mapa e a bússola, os relatórios missionários são indispensáveis para ajudar-nos a determinar se o vento e as marés do tempo nos desviaram da rota. E mais importante ainda, nos chamar para a ação, a fim de darmos meia-volta, quando forem necessárias manobras corretivas.

Este artigo não é escrito desapaixonadamente como devia. Os educadores de missão são vulneráveis, facilmente rotulados pelos soldados da linha de frente como visionários românticos que não estão em contato com as realidades do conflito atual. Confio, porém, em que esta exposição parcial de compromissos básicos da educação adventista possa ajudar-nos a renovar simultaneamente a visão.

O ideal é que uma exposição de missão seja condensada em uma ou duas sentenças declaratórias, ou no máximo um breve parágrafo. Te-

nhos precisamos esforçar-me para conseguir a brevidade e clareza necessárias para dizer em poucas palavras o que é a missão adventista na educação. Nossa filosofia da educação é compreensiva e complexa, e não se entrega facilmente às forças do super-reducionismo. Estou certo também, de que a simplificação em excesso é perigosa, porque muitas nuances sutis e necessárias podem cair pelas rachaduras. Mas aqui estão:

A principal missão da escola cristã é produzir cristãos — e em nosso caso cristãos que estejam totalmente fundamentados no adventismo histórico.

Em segundo lugar, ela se esforça por fornecer às nossas crianças e jovens educação básica de qualidade, a fim de que eles possam enfrentar com eficiência o mundo em que vivem.

Em nível de colégio e universidade, ela se compromete a preparar profissionais para servirem à igreja mundial.

Os administradores das escolas cristãs enfrentam o grande desafio de afirmar que as prioridades da missão permanecem nesta ordem. Se falharmos aqui, o secularismo furtivo e o relativismo humanístico dos nossos dias nos submergirão. Não é fácil manter uma escola teocêntrica nesta época. Exige verdadeiro esforço da parte de todos, o envolver-se com a

Dr. G. H. Akers
Diretor do Departamento
de Educação da Associação Geral
dos Adventistas

instituição — corpo docente, pessoal, comissão e pais. Sem reflexão constante sobre nossa missão e sem fazermos a sua avaliação, a educação adventista cairá naquele quase incurável mal denominado tendência institucional.

A verdadeira medida de uma escola

A verdadeira medida de uma escola é aquilo que está acontecendo aos alunos ali. Isto é, que espécie de filosofia educacional está a total urgência da instituição desenvolvendo em seus alunos? Aquela que é egoísta, secular e materialista? Ou a que é profundamente espiritual — centralizada em Deus? Estão os alunos saindo do lugar destinado ao serviço abnegado a favor de seus semelhantes e estendendo o reino de Deus na Terra, ou estão olhando para outros interesses? Não é preciso ter um doutorado em análise institucional para encontrar a resposta para estas questões.

Um artigo escrito por R. C. Sproul, em *Christianity Today*, despertou-me o interesse para seu título: “Nem Sempre Se Pode Chamar um Colégio de Cristão Por Seu Rótulo”. Os alunos gastam metade de seu tempo dentro das paredes da sala de aulas, e o que se passa nas salas de aula de uma escola cristã deve ser qualitativamente diferente do que acontece numa boa escola particular ou pública, do contrário a escola não é realmente cristã. Mas não devemos olhar apenas para as perspectivas das classes. As atividades curriculares paralelas também são importantes: a importância do campus, os valorosos estudantes e uma porção de outras influências se combinam para moldar a perspectiva geral do estudante. Nesse artigo, Sproul diz que a pergunta mais importante que podemos fazer a respeito do lugar, é se os estudantes saem dele com uma visão da vida cristã — a habilidade de ver o mundo do ponto de vista do Céu. Tudo o mais é prosa. Por esse motivo, é-nos dito que o trabalho da redenção e da educação são um. Certamente o apóstolo Paulo deve ter tido isto em mente quando apelou à igreja de Roma para que permitisse que Deus transformasse completamente seu entendimento, a fim de que eles pudessem começar a ver as

coisas como Deus as via (ver Rom. 12:1).

Deve-se estar certo desta importante ordem, mas na análise final, o propósito global das escolas adventistas — desde o jardim da infância até à universidade, é dar aos nossos jovens uma visão mundial claramente baseada na Bíblia e centralizada em Cristo — ensinar-lhes a “pensar de maneira cristã” se gostar. E esta missão certamente inclui instilar neles a visão de uma concluída obra de Deus na Terra, e pedir a cada estudante que responda pessoalmente à comissão evangélica.

Nosso povo tem as antenas ligadas, e sabe distinguir perfeitamente se nossas escolas estão cumprindo sua missão com respeito a se tornarem cristãs. Conseqüentemente, eles esperam que tudo na escola adventista se centralize nesse objetivo supremo. Eles sabem quando uma escola mudou de rumo ou escolheu outra agenda. E são eles que no fim escreverão Icabode na fronteira da porta de uma escola combatida espiritualmente.

Sentindo grandemente esta responsabilidade, nosso quadro de administradores e professores cristãos bastante dedicados, trabalha com oração para provar o mérito da verdade sagrada. Por certo, merecem eles nosso apoio e palavras de incentivo. Felicitou você algum professor ultimamente? Ou orou fervorosamente por algum deles em sua devoção pessoal?

Um modelo conceitual defeituoso

Muitos educadores cristãos, imagino, crêem que uma boa escola cristã é essencialmente a mesma coisa que uma boa escola secular, com exceção de certas influências do ambiente. Para eles, é o contexto social, os acréscimos na vida do campus estruturado, tais como as classes de Bíblia e os serviços religiosos requeridos, que dão à instituição esta influência cristã. Essa maneira de ver reduz a educação cristã a mera organização social, e deixa de atingir a alma das coisas de maneira educacional. Pior ainda, bifurca a escola, dividindo-a anormalmente entre o secular e o sagrado. Isto transmite aos estudantes uma falsa mensagem, negando a unidade integrada de toda a vida em Deus. Se as escolas podem

ser divididas e dirigidas dessa maneira, também o pode a vida dos indivíduos, e os estudantes não erram esta lição que não é tão sutil. Um cenário de campus tão rompido, produz cristãos seculares de seis dias, que aperfeiçoaram a fina arte de divertir-se na igreja um dia por semana.

Um campus dividido não cumpre a verdadeira missão da educação adventista. Todos os nossos professores precisam ser envolvidos na orientação e desenvolvimento espiritual de seus alunos, utilizando cada oportunidade, tanto dentro como fora da sala de aulas, para robustecer a fé do jovem que está sob seus cuidados. Os professores cristãos estão para assuntos de inspiração tanto quanto ou mais, o estão, para questões de informação. Isto é essencial ao cumprimento da sagrada missão da educação de acender lâmpadas para Deus.

Assim, somos bem exigentes com respeito à importância das pessoas que permitimos ensinarem em nossas escolas. Elas estão representando o evangelho em esfera restrita diante de jovens inexperientes e impressionáveis. Estamos bem cientes de que estamos lidando com assunto delicado, quando escolhemos os professores, e que não devemos ser negligentes.

Conhecer, fazer e ser

Toda escola, ou sistema de escolas gira em torno de um, dois, ou no máximo uns poucos, princípios básicos de organização. Descubra estes princípios básicos, e você saberá o que torna todo o lugar palpitante.

Se eu fosse escolher um modelo conceitual para a educação em geral, este provavelmente fosse uma elipse construída em torno de dois centros da organização: conhecer e fazer. Estes dois princípios parecem manter juntas todas as escolas convencionais e focalizá-las em sua missão.

Numa escola secular típica, a Siamês, os arcos geminados conhecer e fazer são bastante evidentes. Afinal, vir a “conhecer” é o que todas as escolas desejam, não é? O cidadão vai à escola para aprender algo, adquirir conhecimento útil para enfrentar a vida e, esperanço-

samente, ao longo do caminho, adquirir uma apreciação em favor do legado cultural do mundo. O “fazer” abrange a aquisição de habilidades necessárias à sobrevivência no mundo atual. Esta é, pois, a missão contínua de uma escola secular: fazer com que seus alunos adquiram tanto o conhecimento como a habilidade para enfrentar a vida.

Quem poderia questionar estes alvos relevantes e louváveis? Eles são sadios educacionalmente e corretos quanto aos objetivos, até aonde vão. São, porém, completos? Os americanos estão cada vez mais respondendo “não”, por causa de uma profunda desilusão com suas escolas públicas. Eles sentem que algo vital está ausente, que o sonho do americano com a educação foi mal-humorado. Receber informação e adquirir habilidade para o trabalho apenas, não é suficiente; deve existir mais, muito mais.

Cumpre-nos reconhecer prontamente que a educação adventista abrange com certeza os ideais de conhecer e fazer. O conhecer e o fazer da educação cristã, porém, eleva-se acima de um tipo especial de conhecimento: o conhecimento pessoal de Deus, a entrada em um relacionamento salvífico com Ele, e o saber que podemos nEle confiar para orientar-nos e proteger-nos. Inclui também o conhecer a respeito das justas expectativas de Deus por nossa participação na sociedade divino-humana em favor da salvação, e o conhecer sobre a disponível assistência sobrenatural que nos prepara para a trasladação da escola da Terra para a escola do além.

A educação cristã tem, também, suas próprias marcas de fabricação: os alunos devem aprender a fazer a obra do Mestre e a adquirir prática em ajudar Deus a estabelecer o Seu reino sobre a Terra. Cumpre-lhes aprender a servir a humanidade desinteressadamente e a viver inteiramente para glória de Deus. As escolas adventistas, pois, são também avaliadas em termos de extensão, para que seu estilo especial de conhecer e fazer seja concluído.

O desenvolvimento do caráter cristão

A educação cristã, porém, possui um terceiro objetivo: o de ser. Embora impli-

cito na experiência/fé religiosa citada acima, ela se distingue pela atenção especial ao programa escolar. Com isto como o complemento final, poder-se-ia dizer que a tenda da educação adventista tem três pés: ser, conhecer e fazer.

O que estamos dizendo aqui é uma ênfase primária sobre o desenvolvimento do caráter cristão em cada faceta do programa da escola cristã adventista. Nós a elogiamos, estudamos e premiamos. Ela pode não ser tão forte a ponto de se poder afirmar que esta é a verdadeira pedra de esquina da educação adventista, mais bem captada no lema "o caráter determina o destino".

As declarações da missão em favor das boas escolas seculares, muitas vezes se centralizam nos valores intangíveis, na "boa vida" ou na admissão à escola superior. Não negamos que estes sejam alvos legítimos, mas nossa missão educacional tem como finalidade levar nossos alunos à Nova Jerusalém, ser admitidos à escola celestial e ter a Cristo e os anjos como tutores, a fim de se desenvolverem e aprenderem eternamente. Esta é a dimensão cósmica do planejamento do currículo. E esta terceira dimensão, expressa na educação cristã adventista como atenção consciente, centralizada no desenvolvimento da personalidade espiritual do estudante, é que distingue nossas escolas no campo conjunto da educação. A falta de compromisso com esta área crucial tem deixado a educação secular à deriva, sem bússola moral.

Visto que o desenvolvimento do caráter é tão importante, cada etapa da educação adventista visa a fortalecê-lo. Ele é a linha de conduta do equilíbrio educacional adventista. Este realce é inteiramente fundamental para o desempenho da missão adventista em educação.

E isto nos leva ao poderoso trio na educação adventista: a cooperação do lar, da escola e da igreja no preparo de nossos filhos para Deus.

A grande sociedade

A educação adventista jamais poderá cumprir sua missão se os educadores profissionais trabalharem de maneira isolada. O

lar e a igreja devem ser envolvidos intensamente também. Procurar determinar qual destes três componentes decisivos é o mais importante é como procurar saber que perna de um tamborete de três pernas é indispensável!

Se o estilo de vida da família for mundano (especialmente com respeito a ver televisão de maneira desregrada), as crianças e os jovens que freqüentam a escola da igreja são lançadas no caos espiritual. Eles se acham vivendo em dois mundos diferentes, cada qual com seu próprio sistema de valores. Isto produz um estado de suspense e conflito interior. Muitos deles não sobrevivem a esta batalha, tornando-se meros números nas estatísticas de atrito da juventude da igreja.

Algumas escolas cristãs são tão zelosas no que tange a discutirem a disfunção entre o lar nominalmente cristão e sua escola paroquial, que o pastor e o professor da escola visitam juntos cada lar pouco antes do início do ano escolar. Eles pedem aos pais que assinem um compromisso, na presença do aluno ou alunos em perspectiva, com respeito a cooperação lar-escola. O compromisso obriga a família a apoiar os valores e requisitos de estilo de vida da escola quanto ao vestuário, música, drogas, ver televisão e outras influências. Este

*Visto que o trabalho
da educação e o da redenção
se igualam, o aluno deve sair da
escola com uma visão da vida
cristã, que consiste
em ver o mundo do ponto de
vista do Céu.*

procedimento deixa bastante claro que toda a família está sendo matriculada na escola. A família entra numa apreciação contratual que envolve a todos os seus membros no cumprimento da missão da educação cristã.

As crianças e os jovens precisam saber que eles pertencem; que seus familiares da igreja os estimam e os amam carinhosamente; que eles realmente estão na casa de amigos bondosos, não de críticos severos. Isto os anima a saber que sua educação cristã é uma responsabilidade com a qual toda a igreja se identifica. Induz também o coração dos pais esforçados. E neste Ano do Professor Adventista, o

lema "Pais em Serviço" assume significado especial ao se unirem os pastores e professores para cuidar dos cordeiros do rebanho. Quando o lar, a igreja e a escola se unem, resta ao inimigo pouco espaço para agir, e Deus cumpre em nós Sua promessa especial: "Eu contenderei com os que contendem contigo, e salvaréi os teus filhos" (Isa. 49:25).

Logo ouviremos as doces palavras de elogio do Salvador: "Bem está. As preciosas jóias, as pequeninas jóias que vos confiei, estão todas em Meu diadema eterno; missão cumprida!"

1. Para um relato compreensível e oficial da filosofia adventista da educação cristã, ver *General Conference Working Policy*.

O Ministro Como Pai

Eis algumas sugestões a respeito da maneira pela qual você pode utilizar com êxito aqueles compromissos que sua profissão como pregador apresenta a seus filhos.

A primeira vista, a narrativa de Gênesis 5, a respeito de Enoque como pai, é no mínimo notável. Parece que depois ela se torna solene!

"Enoque viveu sessenta e cinco anos, e gerou a Metusalém. Andou Enoque com Deus; e, depois que gerou a Metusalém, viveu trezentos anos... Todos os dias de Enoque foram trezentos e sessenta e cinco anos. Andou Enoque com Deus, e já não era, porque Deus o tomou para Si" (Gên. 5:21-24).

Naturalmente, Enoque é o primeiro paradigma registrado, do pai e pregador adventista. Estais lembrados das palavras que lemos em Judas: "Quanto a estes foi que também profetizou Enoque, o sétimo depois de Adão, dizendo: Eis que veio o Senhor entre Suas santas miríades, para exercer juízo contra todos" (Judas 14 e 15).

Gênesis diz que após o nascimento do primeiro filho de Enoque, esse pregador andou com Deus durante trezentos anos "e já não era, porque Deus o tomou para Si". É um registro

sem paralelo, apresentado por aquele homem de Deus.

Teria o nascimento de um filho de Enoque alguma relação com o fato de ele andar com Deus? Dar-se-ia o caso de ter o nascimento de seu filho influenciado de alguma forma o começo daquele andar? Atrevo-me a dizer que não estaríamos errados se respondêssemos afirmativamente a estas perguntas. Por certo, Ellen White concorda com nossa afirmativa. No livro *Patriarcas e Profetas*, escreveu ela: "Mas depois do nascimento de seu primeiro filho, Enoque alcançou uma experiência mais elevada; foi levado a uma relação mais íntima com Deus. Compreendeu mais amplamente suas obrigações e responsabilidades como filho de Deus. E, quando viu o amor do filho para com o pai, sua confiança singela em sua proteção; quando sentiu a ternura profunda e compassiva de seu próprio coração por aquele filho primogênito, aprendeu uma lição preciosa do maravilhoso amor de Deus para com os homens no dom de Seu Filho, e a confiança que os filhos de Deus podem depositar em seu Pai

Garth D. Thompson
Quando escreveu este artigo,
pertencia ao Departamento de
Teologia Prática,
da Universidade de Andrews.
Já falecido.

celestial. O infinito, insondável amor de Deus, mediante Cristo, tornou-se o assunto de suas meditações dia e noite; e com todo o fervor de sua alma procurou revelar aquele amor ao povo entre o qual vivia.”¹

Ser pai pastor, exerceu claramente um grande impacto sobre a vida do próprio Enoque. Podemos crer, perguntareis, que ser pai exerceu um impacto também sobre o seu *ministério*? E, por outro lado, ser ministro da verdade de Deus produziu um impacto sobre sua *personalidade*?

O registro bíblico é por demais resumido para apoiar quaisquer respostas a estas perguntas. Contudo, sabemos muito bem que *nossa* paternidade é grandemente influenciada pelo fato de sermos pastores.

Quando comecei a pensar sobre este assunto — “O Ministro Como Pai” — veio-me à mente que, a fim de que você ou eu sejamos ministros pais, precisa haver um FP — filho de pregador. Você pensou — muitas vezes sem nenhuma consulta a seus filhos — que estes iriam crescer como filhos de pregador. Deve, portanto, tudo fazer para atenuar os riscos que sua decisão possa acarretar-lhes. E, ao fazer isto, a única coisa que tem sentido é mostrar as vantagens!

Querendo considerar este assunto do ponto de vista de um filho de pregador, ao preparar este tema falei com alguns filhos de pregadores. A propósito, minha esposa, e eu, que também sou filho de pastor, ouvimos nossos próprios quatro filhos. Vejamos, então, alguns dos efeitos que o fato de sermos ministros exerce sobre nossa paternidade.

O pastor que se muda muito

Pelo menos uma das desvantagens com que se defrontam os filhos de um ministro são as transferências requeridas, especialmente de um pastor jovem. As pessoas me perguntam de onde vim, e me perco nas respostas. Nasci em Chicago, e minha família morou em vários lugares de Illinois, durante minha primeira infância. Quando eu tinha 10 anos de idade, fomos para a Jamaica, onde meus pais serviram como missionários. Voltei aos Estados Unidos a fim de estudar no Emmanuel Missionary

College, quando estava com 17 anos — nessa época meus pais haviam ido para Cuba.

Quando terminei os estudos no colégio, fui para Indiana como um jovem ministro. Depois de oito anos e várias transferências em Indiana, levei para a Indonésia a família que já formara nessa época. Oito anos depois, fomos para Cingapura; e depois de outros oito anos, voltamos para os Estados Unidos e passamos três anos na Flórida, onde fiz o doutorado. dali, fomos para Lincoln, Nebraska, onde passei um ano na academia. Depois fui para o Pacific Union College, onde estive por um período de oito anos.

De onde sou? Quem sabe? Minha história é apenas mais um exemplo da mobilidade imposta à família do ministro.

A vida de Enoque mudou grandemente depois que ele se tornou pai. Essa mudança ocorre também na vida do pastor que se torna pai.

Com certeza, o seu andar com Deus pode intensificar-se. Como pai, compreenderá melhor o amor de Deus.

O deslocamento, a separação dos amigos, pode ser uma experiência devastadora para a criança. Os filhos de outras famílias, que não pertencem ao ministério, também têm que suportar isto, naturalmente. Uma vez, porém, que este é um risco ocupacional associado ao seu caso, você precisa estudar como lidar com ele.

Outro problema imposto aos filhos dos pregadores é proverbial. Trata-se das expectativas irrealísticas de comportamento. Um dos filhos de pregador com quem conversei, ao preparar minhas anotações — ele próprio pai pastor agora de uma criança de três anos de idade — falou-me da revolta com que se debateu quando criança, pelo fato de os membros da igreja o repreenderem com perguntas desse tipo: “Como você pode ser tão traquinas? Seu pai é o pastor!” Também falou de seu desgosto quando era adolescente e sua mãe o proibia de fazer isto ou aquilo “por amor ao trabalho e reputação do Papai”.

Vem então o problema do tempo. Quando o pai ou a mãe é ministro, parece sobrar pouco tempo para dedicar à família. Na verdade, isto não é tão raro como muitas vezes fazemos parecer. Os ministros não são as únicas pessoas cujas profissões os distanciam da família. Há médicos, operários de fábrica, professores, vendedores, executivos e oficiais do governo e outros *ad infinitum*, que trabalham 10, 12 ou mais horas por dia. A vulnerabilidade especial dos ministros está na compreensão cada vez maior dos filhos de que seus pais estão trabalhando pela salvação de outras pessoas e dos filhos de outras pessoas. Os filhos dos ministros mesmo, ficam perguntando a si próprios se eles e sua salvação têm, afinal de contas, algum valor.

Outro perigo para a criança é a compreensão cada vez maior de que o ministro, pai ou mãe, nem sempre vive os ideais que prega. Deixar de viver de acordo com os ideais poderia não ser tão prejudicial, não fosse o fato de o pai ser a pessoa que prega esses ideais.

Um perigo semelhante é resultado do estreito envolvimento do pastor tanto com os membros da igreja como com os líderes da Associação. O pastor encontra-se numa posição na qual fica conhecendo os erros dos membros da igreja e as decisões dos oficiais da Associação, e fica triste com estas coisas. Como o lar é um refúgio, é muito mais fácil chegar aí e comentar as faltas das pessoas, deixando a criança a lutar com os seus sentimentos a respeito do que lhe parece ser a “hipocrisia dos irmãos”. Meus pais foram bastante cuidadosos em não fazer isto. Outros pais, porém, com os quais tenho falado, revelaram que levaram durante a vida toda, fardos difíceis de suportar, por causa das críticas que ouviam em casa.

Cometi certa vez o erro de deixar meu filho chocado ao falar com ele como o faz o pastor com um membro da igreja ou — como o fazia durante o meu primeiro treino em aconselhamento — como um conselheiro se dirige a um aconselhado. Em desespero, minha bondosa esposa dirigiu-se a mim, certo dia, dizendo: “As crianças e eu estamos cansados de ouvi-lo falar conosco como se fôssemos pacientes de seu

consultório. Quando vier para casa, seja pai e esposo.”

Bem, estes são alguns dos sofrimentos a que os ministros podem submeter seus filhos. Podemos imaginar como Enoque teve que lidar com eles. Gostaria de sugerir algumas maneiras de lidar com um ou dois assuntos específicos, e em seguida apresentar sugestões para diminuir a maioria dos perigos.

Condoa-se abertamente de seu filho

Em primeiro lugar, acho que é possível passar de todos estes perigos potenciais para vantagens reais. Posso fazer uma caminhada com Deus, como o fez Enoque, a fim de efetuar isto — mas quem mais do que o ministro está ocupacionalmente predisposto para tal caminhada?

Quando terminei meu trabalho em Cingapura, nosso filho de 11 anos de idade tinha um cão “boxer” de estimação. No dia anterior à nossa partida, fomos até ao aeroporto saber o preço da passagem para o cão viajar também, mas soubemos que era proibitivo. Quando voltamos do aeroporto, Ron viu que sua última chance de continuar com o cão havia acabado. Ele começou então a chorar sentidamente. Ao pôr o carro em movimento, lágrimas me afloraram aos olhos, e não demorou para que me empanassem de tal maneira a visão que tive de encostar o carro e parar no acostamento. Diante disso, ele começou a chorar ainda mais, e logo eu estava chorando como jamais o fizera desde a minha infância, nem o fiz depois. Tudo isto por causa de um cão? Não. Por causa da tristeza de um filho, cujo pai lha trouxera, por motivo de um chamado que provocou a interrupção de uma amizade que se lhe tornara muito forte.

As muitas mudanças a que os filhos de pais ministros estão sujeitos, trazem vantagens, entre as quais a amplitude e variedade de experiências não obtidas de outra maneira. Agradeço, porém, a Deus por me haver Ele induzido a associar-me ao sofrimento de meu filho naquele dia. Parece que a compreensão espontânea do sofrimento e a empatia manifestada para com esse sofrimento, são a única coisa que o ministro pai pode proporcionar.

Com respeito a outros perigos ocupacionais, creio que é importante os ministros se assentarem com seus filhos — de preferência antes dos treze anos — e falar francamente sobre as dificuldades de se viver numa redoma ministerial. Falar acerca da inescapável realidade das expectativas irrealistas da comunidade. Transmitir a profunda tristeza causada pelo sofrimento que a criança inevitavelmente sentirá, decorrente dessas expectativas.

De acordo com minha maneira de ver, os ministros deveriam recusar terminantemente nutrir tais expectativas. “Filho, filha”, você poderia dizer, “quero que saiba que não tenho parte alguma na formação de tais expectativas em você. Meu ministério é produto de minha própria escolha, e a resposta pessoal ao que acredito tenha sido um chamado de Deus. Não posso negar que desejaria de todo o coração que você se decidisse não só a ser um filho de Deus, mas um instrumento em Suas mãos para levar outros a Ele — jamais para desviar a outros. Obrigado por sua ajuda em tornar a nossa família um testemunho em favor do poder de Deus. Mas nem por um momento lhe imporei maneiras de agir por conta de minha decisão de ser um ministro — decisão na qual reconheço que você não tem parte alguma. Espero que não me acuse de não abandonar o meu ministério, ainda que seja para poupá-lo dos sofrimentos dessas expectativas”.

Prometa a seu filho que dirá a sua congregação que não espera nem mais nem menos de seu filho, pelo fato de ele ser filho de pastor, e que espera da congregação a mesma coisa.

Deixe que seu filho cresça

Como pai, o ministro precisa lembrar-se de que deve evoluir de pai de uma criança de passos vacilantes, para o ser de uma criança do pré, juvenil, adolescente e jovem. Ao mesmo tempo que Ellen White diz que a primeira lição a ser aprendida pela criança de passos inseguros é a obediência, diz também que chega o momento em que o jovem deve aprender a fazer escolhas de maneira cada vez mais independente, sem interferência externa.

Naturalmente, dar esta liberdade, deixa o ministro sujeito não só a embaraço e crítica,

como a desapontamentos. Estamos lembrados daquele outro exemplo de ministro pai, Eli, e de como Deus o responsabilizou pela desonra do sacerdócio, causada pelo exemplo de seus filhos. Estou convencido, porém, de que não foi por deixar de reger a conduta de seus filhos adultos, que Deus o condenou. Antes, creio que sua condenação resultou do fato de ter Eli deixado de tirar seus filhos do sacerdócio, à luz da conduta desonrosa destes. De certo modo, também não nos é solicitado, ou mesmo permitido, controlar nossos filhos dessa maneira, para garantir sua fidelidade à verdade. Pode ajudar ao ministro pai, lembrar-lhe que, quando o Todo-poderoso criou a luz, disse: “Haja luz”; e houve luz, e a luz era boa. Ele foi igualmente capaz de executar Sua vontade ao criar as árvores, a relva, vacas, leões e pássaros. Quando criou o homem, porém, não disse: “Sejam bons”...

O senso de ser amado

O maior benefício que o ministro pai pode proporcionar a seus filhos é o senso de ser constantemente amado. “mereça ou não” — não importa quanto o filho erre ou decepcione, a despeito do que reprove ou eduque, o pai deve administrar.

Se você não estiver disposto a cair sobre os joelhos com o clamor: “Senhor, quem é idôneo para estas coisas?” então você ainda não se apercebeu da grandiosidade de ser um ministro pai. Mas, se já o fez, permita-me lembrá-lo de que o conselho de Efésios 5:1 o inclui também: “Sede, pois, imitadores de Deus... como filhos amados”. Se somos filhos amados, deve existir um Pai celestial amoroso que *nos* ama, a despeito de tudo.

Através dos séculos, aqueles que têm levado Deus a sério, muitas vezes têm trocado o amor pela imitação, colocando a imitação no lugar do amor. Para eles, ser amado e aceito estava condicionado à imitação bem-sucedida. Por outro lado, alguns têm recusado qualquer tipo de imitação, dizendo que ela é uma tentativa de salvação pelas obras. A verdade não está em nenhum dos dois lados. Paulo afirma a surpreendente mas gloriosa verdade de que por natureza “Deus nos ama independentemente de O amarmos. E Deus nos faz o incrível convite

— no uniforme contexto desse amor — dedicarmos nossas energias a imitá-Lo!

Como ministro pai, e ao mesmo tempo um filho amado, você não pode dar a seu filho ne-

nhum dom maior do que viver sua vida preocupado em imitar o seu Pai celestial.

1. Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas*, pág. 81.

Quiroprática: Tratamento Controvertido da Saúde

O autor apresenta a quiroprática nos seus diversos ramos, ao mesmo tempo alerta para os cuidados a serem tomados, caso alguém resolva utilizá-la.

A quiroprática é um sistema controvertido de tratamento da saúde, legalizado nos Estados Unidos e em vários outros países. Nos Estados Unidos, aproximadamente 10,7 milhões de pessoas fizeram 163 milhões de consultas a 30 mil quiropráticos.¹ Mais de três quartos dos Estados solicitaram às companhias de seguro que incluíssem os serviços quiropráticos nas apólices de saúde e de seguro de acidente. O governo federal paga por serviços quiropráticos limitados, subordinados à Medicare e à Medicaid e seu programa vocacional de reabilitação, e a Internal Revenue Service permite que haja uma dedução médica para serviços quiropráticos. Os quiropráticos citam esses fatos como evidência de “reconhecimento”; contudo, estas são apenas estatísticas

comerciais e arranjos legais que nada têm a ver com a validade científica da quiroprática.

Embora já exista por aproximadamente 100 anos, o sistema quiroprático de tratamento da saúde tem deixado de atender às mais fundamentais normas aplicadas às práticas médicas: definir-se com clareza e provar cientificamente o objetivo daquela prática. Mais desapontador ainda é o fato de que a quiroprática nenhuma contribuição deu ao conjunto mundial de conhecimentos, partilhado pelas ciências da saúde, mas continua a isolar-se da corrente principal da comunidade que lida com a saúde.

Essa situação é confusa para muitas pessoas, que não podem entender que no século vinte o governo legalize um sistema não científico de tratamento de saúde. Não tem sentido um sistema com vários milhões de clientes, apa-

Dr. William T. Jarvis
Professor de Medicina
Preventiva da Universidade de
Loma Linda, Estados Unidos

rentemente satisfeitos, ainda ser considerado duvidoso. Sem nenhuma explicação mais plausível, muitos estão dispostos a aceitar as afirmações infundadas dos quiropráticos de que a razão pela qual a medicina organizada a eles se opõe, é que os médicos não gostam de competição.

Terapia manipulatória espinal

Supõe-se que 80% dos adultos sofrem um sério ataque de dor ou mau funcionamento de coluna em alguma ocasião na vida. Há fortes indícios de que a terapia manipulatória espinal (TME) seja proveitosa para aliviar a dor de coluna e aumentar a extensão do movimento espinal prejudicado, ao menos temporariamente. Embora a longo prazo a TME talvez não seja mais eficiente do que outras modalidades, parece apresentar alívio mais demorado em cerca de um terço dos pacientes.² Além disso, pelo fato de a TME envolver a aplicação das mãos — uma técnica amplamente empregada através da História pelo povo e os curandeiros — ela provoca a sugestibilidade e o efeito placebo.³ Muitas pessoas gostam da TME, por causa do contato direto a ela associado e o alívio subjetivo por ela proporcionado. Charles DuVall, doutor em quiroprática, diz que as pessoas podem tornar-se dependentes da TME.⁴

Comumente se pensa que quiroprática é sinônimo de TME. Na verdade, a história da TME remonta no mínimo a Hipócrates (400 a.C.), enquanto as raízes da quiroprática não chegam a 100 anos. Os antigos consertadores de ossos e os primeiros osteopatas, usavam a TME como uma panacéia. Hoje em dia a TME é empregada por médicos especialistas (fisiatras, ortopedistas, profissionais de medicina esportiva), médicos osteopatas, terapeutas e treinadores de atletas, bem como quiropráticos.

Uma pesquisa entre pessoas que sofrem da coluna, revelou que os fisiatras são os mais eficientes no tratamento de problemas da espinha dorsal.⁵ Os fisiatras são doutores em medicina que se especializam em reabilitação. Antigamente eles eram chamados doutores de medicina física. Mas o número dos fisiatras

é pequeno, e pode ser difícil encontrá-los. (Muitas vezes eles exercem a função junto aos hospitais da Administração dos Veteranos.) Alguns hospitais têm agora centros de tratamento de coluna que dão destaque ao fortalecimento da musculatura do estômago fraco — uma das principais causas de problemas de coluna — e ao aumento da flexibilidade da coluna. Muitos desses centros oferecem TME, seja mediante um médico terapeuta, seja por quiropráticos.

Os quiropráticos são os profissionais de TME mais acessíveis ao público, e 85% das pessoas que os utilizam o fazem por problemas neuro-músculo-esqueléticos.⁶ Os quiropráticos apontam com orgulho os estudos de remuneração dos operários escolhidos, que indicam que o tratamento quiroprático devolve os operários mais cedo ao trabalho, e por custo menor, do que o faz o tratamento médico. Esses estudos, porém, não foram avaliados cientificamente pela gravidade dos ferimentos, e nem todos os estudos de remuneração dos operários foram favoráveis à quiroprática. Não obstante, os estudos sugerem que os quiropráticos desempenham um papel importante no tratamento de operários portadores de problemas músculo-esqueléticos.

A singular teoria da quiroprática

A singularidade da quiroprática encontra-se não no uso que faz da TME, e sim, na razão teórica para assim fazer. Assim como a osteopatia pré-científica encontrava sua justificativa no “método da artéria” (a crença em que a manipulação aumentava a circulação, reduzindo os espasmos do músculo), a quiroprática baseia-se no “método do nervo” — a crença em que a TME exerce importantes efeitos sobre o “fluir do nervo”.

Literalmente, a palavra quiroprática significa “feito a mão”. O termo foi adotado pelo fundador da quiroprática, Daniel David Palmer. Palmer era um leigo que tinha grande interesse em filosofias metafísicas da saúde, tais

como a cura magnética (“magnetismo animal” de Mesmer), frenologia e espiritualismo. Em 1895, ele disse ter recuperado a audição de um porteiro de edifício, quase surdo, massageando a espinha dorsal do homem.

Obcecado por descobrir “a causa primária da doença”, Palmer argumentou que “95% de todas as doenças eram causadas por subluxações” (deslocamentos parciais) da espinha, e o restante por “ossos luxados em alguma parte do corpo”. Palmer dizia que as subluxações colidiam com os nervos da espinha dorsal, impedindo-lhe o funcionamento, e que isto levava à doença. Ele ensinava que o diagnóstico dos médicos era desnecessário; que a pessoa necessita apenas corrigir as subluxações para libertar as energias do vigor natural pertencentes ao organismo. Ironizava os médicos por tratarem apenas os sintomas, alegando que, em contraposição, o seu sistema corrigia a causa da doença.

Palmer não empregava o termo luxação no sentido médico, mas com um significado metafísico panteísta. Cria ele que as subluxações interferiam com a expressão da “Inteligência Universal” (Deus), que ele batizou de “Inteligência Inata” (alma, espírito, centelha de vida).⁷ A noção que tinha Palmer, de ter descoberto uma maneira de manipular a força vital metafísica, é muitas vezes mencionada como sua “bioteologia”.

Imperfeição científica

Os quiropráticos comumente dizem que seu isolamento dos meios científicos de saúde, deve-se à oposição da medicina organizada. Os propagandistas da quiroprática muito fizeram para que a decisão de uma corte de 1987, que considerou culpados de ilegalidade a American Medical Association e outros, boicotasse os quiropráticos. Os fatos indicam que o caso Wilk não descobriu nenhuma conspiração secreta por parte dos médicos para eliminar a quiroprática. Ele verificou apenas se a proibição ética da AMA contra associar-se profissionalmente por vontade própria com ministradores de tratamento não científico de saúde, violava ou não a Sherman Antitrust Act. Em

27 de agosto de 1987, a juíza distrital Suzana Getzendanner, decidiu afirmativamente. Ela declarou em seu parecer, não obstante, que a proibição ética da AMA não foi motivada economicamente, mas se baseou na crença da AMA, de que a quiroprática não era do maior interesse dos pacientes.

Palmer pode ser perdoado por suas concepções erradas do século XIX; seus seguidores, porém, não podem ser desculpados por deixar de beneficiar-se dos avanços científicos do século XX para testarem a teoria e a prática da quiroprática. Na verdade, os quiropráticos jamais definiram o que significa uma subluxação em termos mensuráveis, nem demonstraram que ela sequer existe. A despeito da competência dos neuro-fisiologistas para medir os impulsos do nervo, os quiropráticos não têm mostrado que o contato com um nervo da espinha altera um impulso fora da zona do impacto, nem mostraram que interromper um impulso nervoso produz doença. O anatomista Edmundo Crelin, da Universidade de Yale, demonstrou que apenas um ferimento danoso da espinha, poderia produzir o choque que Palmer postulou como a base para a quiroprática.⁸

Mas os erros de laboratório não desestimulam os quiropráticos. Eles argumentam com acerto que ninguém entendeu plenamente os mecanismos de muitos processos médicos eficazes. Como clínicos, eles se acham capazes de detectar subluxações de maneira subjetiva, embora os médicos quiropráticos ainda precisem passar por um teste de credibilidade entre examinadores. Inúmeros estudos relacionados com a capacidade de dois ou mais quiropráticos descobrirem as mesmas subluxações, quer no mesmo exame de raios X, quer nos mesmos pacientes, demonstraram que os quiropráticos não conseguem concordar entre si nem mesmo a respeito de que condições específicas precisam de tratamento.⁹

Um erro significativo, cometido por uma delegação oficial de representantes da quiroprática, que incluía um radiologista de sua própria escolha, identificou uma única subluxação em uma série de 20 exames de raios X que haviam sido apresentados para reembolso de seguro à Associação Nacional de Carteiros,¹⁰ pedindo que os quiropráticos verificassem as subluxações através de raios X. Um relatório de 1986, feito pelo Inspetor Geral do Departamento de

Saúde e Serviços Humanos, revelou que muitas remunerações feitas a quiropráticos não preenchem essa exigência legal.¹¹ O fato de o governo federal não fazer cumprir as leis, tem permitido aos quiropráticos levantarem a questão de uma dupla norma. Há um padrão para a medicina baseada na ciência, e outra para os profissionais não científicos com saber experiente?

Os quiropráticos não só acham as subluxações tão duvidosas como o mito do unicórnio, como também estão em grande desacordo quanto a quem se dirigir em busca de tratamento para elas. Alguns acham que cada superfície de vértebra corresponde a uma desordem específica. Outros acreditam que é preciso ajustar apenas a vértebra atlas (a mais elevada). Os quiropráticos da sacra básica concordam em que apenas uma vértebra precisa ser ajustada, mas em lugar da mais alta, deve ser a sacra, localizada na parte inferior da espinha dorsal. Ainda outra corrente agrupa tanto a vértebra atlas como a sacra. Outros tomam em consideração a coluna inteira, ao passo que outro grupo mede o comprimento da perna a fim de uniformizar a espinha. Tem-se aplicado critérios científicos para resolver essas situações.

Quem quer que procure um determinado número de quiropráticos, achar-se-á diante de uma variedade incrível de métodos de diagnósticos pseudocientíficos. Em 1981, Mark Brown, repórter da **Quad City Times**, passou cinco meses visitando quiropráticos na região de Deavenport, Iowa (berço da quiroprática). Os métodos de diagnóstico incluíam colocar uma batata no peito do paciente e pressioná-la para baixo sobre seu braço (cinesiologia aplicada), projetando traços sobre a coluna, para ler os contornos do corpo (análise Moire de contorno); ler a íris e comparar as anotações em um mapa (iridologia); medir o comprimento da perna, para determinar a desigualdade (um quiroprático disse que a perna direita de Brown era mais curta, outro disse que sua perna esquerda era mais curta); medir as diferenças de temperatura da superfície da pele e a palpitação. Outros métodos duvidosos de diagnóstico, usados pelos quiropráticos, incluem adivinhação pelo pêndulo, eletro-acupuntura, reflexologia, análise do cabelo, análise da cristalização herbácea, questionários computadorizados da deficiência nutricional, um teste citotóxico

de alergia alimentar, e o teste de urina e saliva de Reams.

Os quiropráticos empregam também uma grande variedade de terapias pseudomédicinas. A terapia magnética (colocar magnetos no corpo), homeopatia, herbologia, colônicos (lavagem do colo), terapia colorida da luz, terapia da megavitamina, eletrônicos (aparelhos de caixa preta) específicos nasais bilaterais (introduzir um balão de borracha no nariz e inflá-lo), e massagem do crânio são apenas algumas terapias sem fundamento, empregadas pelos vários quiropráticos.

Uma pesquisa de comércio de 1988, verificou que 74% dos quiropráticos dos Estados Unidos usam suplementos alimentares em seus métodos. Muitos os prescrevem e vendem diretamente aos pacientes — uma prática considerada ilegal pelos médicos em muitos Estados, e sempre considerada antiética na profissão médica.

Os quiropráticos se gabam, dizendo-se “profissionais que não usam droga”, beneficiando-se das restrições contra o uso de drogas ou cirurgia que os legisladores têm imposto a estes. A palavra **droga** tem várias definições. Estão incluídos: artigos catalogados em várias farmacopéias oficiais, reconhecidas nos Estados Unidos; artigos destinados ao uso em diagnósticos, cura, mitigação, tratamento ou prevenção de enfermidades no homem ou nos animais; artigos (não alimentares) destinados a afetar a estrutura ou qualquer função do organismo.¹² Em 1987, a corte suprema do Estado da Geórgia decidiu que, por serem licenciados como profissionais que não usam droga, os quiropráticos não podem prescrever suplementos alimentares para prevenção ou tratamento de qualquer condição física. Logo depois, o legislativo reagiu aos interesses dos quiropráticos, aprovando uma lei que lhes permitia recomendar suplementos alimentares a seus pacientes, mas não prescrevê-los como remédio.

O uso de raios X pelos quiropráticos é uma questão de afinidade. Os quiropráticos muitas vezes expõem todo o tronco do corpo à radiação de raios X. Uma vez que os efeitos da radiação são cumulativos, expor os pacientes a radiação sempre envolve uma séria avaliação de risco-benefício. Os quiropráticos muitas vezes justificam o uso de raios X como um meio de proteger os pacientes de doenças graves,

mas um estudo talvez recente, realizado por um quiroprático radiologista revela que o exame de raios X de toda a coluna vertebral induz, possivelmente, duas vezes mais ao câncer do que a descobri-lo em um paciente.¹³

Uma coisa que os quiropráticos salientam é a satisfação de seus pacientes. Os pacientes os colocam acima dos médicos comuns na relação apresentada sobre seus problemas, compreensão de suas preocupações, quantidade de tempo gasto ouvindo a descrição de seu sofrimento, informação dada a respeito da causa de seu sofrimento, fazendo com que eles se sintam bem-vindos, e outros fatores relacionados com a arte de satisfazer as necessidades humanas.¹⁴ Embora seja importante os médicos fazerem diferença entre a mera satisfação do paciente e a verdadeira eficiência clínica, parece que eles aprenderam alguma coisa com os quiropráticos quanto a satisfazer as necessidades emocionais dos pacientes sofredores.

Partidarismo na quiroprática

Apenas uma minoria entre os quiropráticos de hoje segue a teoria de Palmer de uma-só-causa-uma-só-cura, mas a maioria ainda crê que as subluxações existem e que podem desempenhar um importante papel na causã e tratamento das doenças. Os quiropráticos que desejam ser considerados médicos inteiramente independentes, acham que limitar o valor da TME apenas a aliviar o sofrimento e a aumentar a função, é uma afronta.

Os profissionais que limitam sua profissão a analisar a coluna vertebral e a corrigir as subluxações, são chamados quiropráticos *restritos*. Os que crêem que estão afetando a "Força Vida Inata" da bioteologia de Palmer, são muitas vezes chamados *super-restritos*. Os restritos rotulam os quiropráticos que fazem mais do que a TME, de *misturadores*, porque eles misturam outras modalidades. Essas várias facções quiropráticas têm estado em desacordo umas com as outras durante anos. Cada uma alega ser os verdadeiros quiropráticos, e rotula os outros de cultistas ou "doutores pseudo-médicos". O conflito entre essas facções tem sido travado nas cortes durante décadas, e continua sem solução.

Às vezes a dicotomia do misturador super-restrito é erroneamente considerada como critério útil para separar os profissionais racionais dos que o não são. Na verdade, ambas as espécies de quiropráticos podem ser irracionais. Os restritos podem ser cultistas que usam em excesso a TME, aplicando-a a condições físicas às quais não oferece nenhum benefício. E os misturadores têm propensão para adotar a mania pseudo-médica, e provavelmente sejam as principais fontes de modalidades de incongruência do mercado de tratamento de saúde. Tanto os restritos como os misturadores se têm oposto tradicionalmente a medidas de saúde pública com base científica, tais como a imunização, a fluoridação, a pasteurização do leite, a tecnologia moderna alimentar, a prescrição de droga e a cirurgia.

Orientação ao cliente

A habilidade em TME dos quiropráticos varia entre os profissionais, individualmente. A quiroprática é uma pequena indústria sem um órgão que permita revisão crítica, como a que os hospitais proporcionam aos médicos.

Ao serem avaliadas as pretensões de um quiroprático, é interessante perguntar, seja ele homem ou mulher, que doenças os métodos quiropráticos não podem beneficiar. Um profissional judicioso admitirá prontamente grandes limitações no tratamento de quaisquer outros problemas que não os músculo-esqueléticos. O quiroprático menos judicioso pode responder esquivando-se da pergunta com uma resposta do tipo: "trato apenas pessoas que têm problemas de coluna", ou "Não trato doenças; trato pessoas". Tais respostas evitam a pergunta e/ou representam a crença na teoria da subluxação.

Não existe nenhuma forma de dizer até que ponto o quiroprático é bom como terapeuta manipulador da espinha dorsal. Os clientes devem confiar na fama do profissional. Ao escolher um quiroprático, os clientes deveriam ter grande cuidado e levar em consideração a seguinte orientação:

1. Pedir que um médico examine primeiro o problema. Procurar excluir a possibilidade de enfermidades graves, ocultas, antes de chegar à conclusão de que o problema é neuro-músculo-esquelético. Enfermidades do coração, câncer, doenças renais, e outros problemas graves que necessitam de cuidados médicos imediatos, podem manifestar-se como se fossem dor ou mau jeito na coluna. Não deixe que um quiroprático radical e despreparado o impeça de obter o pronto diagnóstico e tratamento. Se o quiroprático recomendar exame de raios X, que este seja feito por um radiologista.

2. Se resolver procurar a TME, informe ao seu médico. Pergunte-lhe se há algum inconveniente em utilizar a TME; peça-lhe que o ajude a encontrar o profissional mais competente nesse ramo (psiquiatra, terapeuta físico, quiroprático, etc.). Alguns médicos se opõem francamente à TME porque esta não pode ser cientificamente provada como eficaz, mas a maioria está disposta a continuar com o paciente que deseja tentar a TME.

3. Lembre-se de que a principal virtude da TME está na rapidez com que ela produz alívio. Se você não obteve alívio significativo no prazo de três semanas, interrompa a TME. Não se submeta a tratamentos prolongados. Não assine contrato. E não aceite a sugestão de tratamento quiroprático preventivo. A instrução referente a evitar problemas de coluna por meio de técnicas seguras de levantar-se, exercícios apropriados e ergogênicos (analisar e planejar de novo o lugar de trabalho para evitar sofrimento) é válida.

4. Evite profissionais que: parecem ser confiantes demais ou cultistas apaixonados pelo tratamento quiroprático; desfazem da medicina convencional como anti-quioprática e invejosa; criticam a prescrição de medicamentos ou a cirurgia de maneira ideológica; atacam a imunização, a fluoretização, a pasteurização ou outras práticas da saúde pública; incentivam aos exames de raios X da coluna; usam táticas alarmantes, como dizer que deixar de submeter-se a tratamento quiroprático levaria a sérios problemas no futuro; vendem ervas ou suplementos alimentares; fazem irrigação do colo — estas não têm nenhum valor e podem ser danosas;¹⁵ afirmam que existem as subluxações e que é importante corrigi-las.

5. Crianças não devem ser tratadas por qui-

ropráticos. Não existe condição física da infância que os quiropráticos estejam mais capacitados a tratar do que o estão os médicos.

Referências:

1. *Chiropractic: State of the Art*, Associação Quiroprática Americana, 1986.
2. J. Farrell e L. Twomey, "Acute Low Back Pain", *Medical Journal of Australia*, 1982, págs. 160 a 164; S. Haldeman, "Spinal Manipulative Therapy", *Clinical Orthopedics & Related Research*, 1953, págs. 62 a 70; U. Moritz, "Avaliação da Manipulação e outras Terapias Manuais", *Scandinavian Journal of Rehabilitative Medicine*, 1979, págs. 173 a 179.
3. A. Neher, *The Psychology of Transcendence* (Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1980), págs. 49 a 52 e 244; S. Homola, *Bonesetting, Chiropractic, and Cultism* (Panama City, Florida: Critique Books, 1963), págs. 95 e 96.
4. C. E. DuVall, "Fatos sobre a TME", em *Chiropractic Claims Manual* Ohio: Charles E. DuVall, D. C., D. M., 1984), pág. 3.
5. A. C. Klein e D. Sobel, *Back Relief* (Nova Iorque: New American Library, 1980), pág. 402.
6. *Chiropractic: State of the Art*.
7. A. E. Homewood, *The Neurodynamics of the Vertebral Subluxation* (Canada: Chiropractic Publishers, 1973), pág. 80.
8. E. S. Crelin, "Um Estudo Científico da Teoria Quiroprática", *American Scientist*, 1973, págs. 574 a 580.
9. S. Barrett, "The Spine Salesmen", em *The Health Robbets*, 2ª edição (Philadelphia: George F. Stickley Company, 1980), págs. 143 a 145; R. L. Smith, "I Get the Treatment", em *At Your Own Risk: The Case Against Chiropractic* (Nova Iorque: Simon & Schuster, 1970), págs. 27 a 37; J. P. Deely, "Chiropractors", Associação Nacional de Estafetas, Relatório do Diretor, Seguro de Saúde, para Oficiais e Delegados da 45ª Convenção Nacional realizada em Detroit, Michigan, 14 a 20 de agosto de 1966, pág. 53A; W. M. London, "Free Chiropractic Spinal Exams, Consultations, and Literature: An Empirical Investigation", apresentado no Fórum Quiroprático na 3ª Reunião Anual da Associação Pública Americana, em Chicago, em 24 de outubro de 1989.
10. Deely, pág. 53A.
11. R. P. Kusserow, *Inspection of Chiropractic Services Under Medicare* (Chicago: Escritório do Inspeção Geral, Departamento de Saúde e Serviços Humanos, Estados Unidos, 1986), págs. 9 a 12.
12. T. Fickel, "Análise da Carcinogenicidade da Radiografia da Espinha" *ACA J. Chiropractic*, 1986, págs. 61 a 66.
13. D. C. Cherkin e F. A. MacCornack, "Patient Evaluations of Low Back Pain Care From Family Physicians and Chiropractors", *West J. Med.*, 1989, págs. 351 a 355; R. L. Kane, et al, "Manipulating the Patient: A Comparison of the Effectiveness of Physician and Chiropractic Care", *The Lancet*, 29 de junho de 1974, págs. 1333 a 1336.
14. Section 201, United States Food, Drug, and Cosmetic Act.
15. K. W. Kizer, "The Case Against Colonic Irrigation", *California Morbidity*, 1985, n° 38, 27 de setembro.